



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Ciências da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública
Mestrado em Saúde Coletiva

DISSERTAÇÃO

**A PREVENÇÃO COMO PRINCÍPIO, A PROMOÇÃO COMO
MEIO E A REVOLUÇÃO COMO FIM: Uma história sobre a
Revolução dos Baldinhos**

Mestranda: Giseli Ramos da Rosa

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Da Ros

Área de Concentração: Ciências Humanas e Políticas Públicas em
Saúde.

Linha de Pesquisa: Educação em Saúde.

Florianópolis, 2012

GISELI RAMOS DA ROSA

**A PREVENÇÃO COMO PRINCÍPIO, A PROMOÇÃO COMO
MEIO E A REVOLUÇÃO COMO FIM: Uma história sobre a
Revolução dos Baldinhos**

Dissertação apresentada como
requisito à obtenção do grau de Mestre
em Saúde Coletiva ao Programa de
Pós-Graduação em Saúde Pública da
Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Saúde.
Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio
Da Ros

Florianópolis, 2012

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rosa, Giseli Ramos da

A prevenção como princípio, a promoção como meio e a
revolução como fim: [dissertação] : Uma história sobre a
Revolução dos Baldinhos / Giseli Ramos da Rosa ;
orientador, Prof. Dr. Marco Aurélio Da Ros -
Florianópolis, SC, 2012.

113 p. ; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-
Graduação em Saúde Coletiva.

Inclui referências

1. Saúde Coletiva. 2. Promoção da Saúde. 3. Educação em
Saúde. 4. Participação Comunitária. I. Da Ros, Prof. Dr.
Marco Aurélio . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. III.
Título.

GISELI RAMOS DA ROSA

DISSERTAÇÃO

**A PREVENÇÃO COMO PRINCÍPIO, A PROMOÇÃO COMO
MEIO E A REVOLUÇÃO COMO FIM: Uma história sobre a
Revolução dos Baldinhos**

Dissertação aprovada como requisito à obtenção do grau de Mestre em Saúde Coletiva ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, pela seguinte banca:

Banca examinadora

Prof^o. Dr^o. Marco Aurélio Da Ros
(PPGSP/UFSC – Orientador)

Prof^a. Dr^a Marta Inez Machado Verdi
(PPGSP/UFSC – Examinadora)

Prof^o. Dr^o. Luiz Roberto Agea Cutolo
(UNIVALI – Examinador)

Prof^o. Dr^o. Rodrigo Otavio Moretti-Pires
(PPGSP/UFSC – Examinador suplente)

Florianópolis, 13 de dezembro de 2012.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos os professores que passaram pela minha vida e que de alguma maneira contribuíram para formar a pessoa que sou hoje, me impulsionando a buscar um maior aprimoramento para que eu pudesse continuar defendendo minha opinião.

Quero agradecer a culpada por tudo isso, não somente por ser minha mãe, mas também por ter sido minha professora nos primeiros anos do ensino fundamental e, ainda na minha infância, me apresentar à política quando me levava nos idos de 87 às assembleias, manifestações e passeatas realizadas pelo Sindicato dos Professores do Estado de Santa Catarina, durante o governo de Pedro Ivo Campos. Eu participava ouvindo e cantando as músicas de Mercedes Sosa: *“Eu só peço a Deus/ Que a guerra não me seja indiferente/ É um monstro grande, pisa forte/ Toda forma de inocência desta gente”* e de Geraldo Vandré: *“Os amores na mente/ As flores no chão/ A certeza na frente/ A história na mão/ Caminhando e cantando/ E seguindo a canção/ Aprendendo e ensinando/ Uma nova lição.”*

Quero agradecer ao Marcão, meu orientador, que deu combustível para minhas asas voarem alto, deixando-me livre para que eu pudesse colocar minhas ideias no papel e assim poder registrar meu pensamento, por me ensinar outra forma de fazer saúde e por me levar a acreditar que outro tipo de sociedade é possível. Quero destacar no Marcão o companheirismo, a amizade e a cumplicidade que ele cria entre aluno e professor fazendo esta relação ser mais próxima e verdadeira.

Quero agradecer a minha família, que compreendeu que minhas ausências nas reuniões e festas foram por um bom motivo, dando-me apoio e acompanhando de perto minha jornada.

Quero agradecer a minha banca de qualificação composta por: Luiz Roberto Agea Cutolo pelas dúvidas colocadas em mim e que me fizeram ir além do que eu me havia proposto, Rodrigo Otavio Moretti-Pires pelos questionamentos que me fizeram refletir sobre o ser e Marta Inez Machado Verdi pela delicadeza com que sempre me atendeu e pelas aulas que me incitavam a ter um olhar mais ético sobre a vida. E é com imenso prazer que conto novamente com a presença de vocês na minha banca de mestrado.

Quero agradecer a minha professora de português da 5ª série do ensino fundamental, Rosa Maria Salla por ter feito a revisão do texto.

Quero agradecer a todos que fazem parte da Revolução dos Baldinhos, e aos moradores da comunidade Chico Mendes que mesmo

num mundo tão desigual, me fizeram acreditar que uma mudança é possível.

Quero agradecer a minha turma de mestrado pela união, pelos jantares e pela cumplicidade.

Quero agradecer às meninas do Sindicato dos Nutricionistas do Estado de Santa Catarina – SINUSC que agüentaram as ‘pontas’ quando não pude me fazer presente.

Quero agradecer a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que eu chegasse até aqui e dizer-lhes que aprendi a lição que esta música traduz tão bem.

A mão que toca um violão
Se for preciso faz a guerra
Mata o mundo, fere a terra
A voz que canta uma canção
Se for preciso canta um hino
Louva a morte
viola em noite enluarada
No sertão é como espada
Esperança de vingança
O mesmo pé que dança um samba
se preciso vai à luta
Capoeira
Quem tem de noite a companheira
Sabe que a paz é passageira
Pra defendê-la se levanta
E grita: Eu vou!
Mão, violão, canção, espada e viola enluarada
Pelo campo e cidade
Porta bandeira, capoeira
Desfilando vão cantando liberdade!
Quem tem de noite a companheira
Sabe que a paz é passageira
Pra defendê-la se levanta
E grita: Eu vou!
Porta bandeira, capoeira
Desfilando vão cantando liberdade, liberdade!
(Viola Enluarada – Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle)

... A realidade social, em suas disparidades e antagonismos, coloca e recoloca a problemática da revolução como motor da história. ... [A revolução] compreende um vasto processo social que abala e destrói, renova e inventa, relações, processos e estruturas de dominação e apropriação. Não se circunscreve necessariamente a um momento. Desdobra-se. Pode estender-se por uma larga duração. Mas também pode concentrar-se em uma conjuntura delimitada. Desvenda o presente de forma inesperada e límpida, estabelece todo um novo modo de olhar o passado e permite o descortino do futuro, mais longe do que nunca. A revolução é um acontecimento excepcional, quando se revela de forma particularmente desenvolvida o caráter prático-teórico do conhecimento...

(Octavio Ianni)

RESUMO

Esta dissertação descritivo-exploratória de caráter qualitativo discute as nuances da Promoção da Saúde e da Prevenção de Doenças, dentro do grupo Revolução dos Baldinhos, que acontece em uma comunidade localizada na área continental do município de Florianópolis. Com base em entrevistas não-estruturadas, realizadas com moradores e profissionais que atuam na localidade obtivemos informações sobre a atuação do grupo dentro da comunidade Chico Mendes. Depois de transcritas e analisadas, das entrevistas surgiram cinco categorias (1) Promoção da Saúde; (2) O início do evento; (3) Revolução, processo, cultura, emancipação/autonomia e benefício individual; (4) Institucionalização e poder público e (5) Intelectual orgânico, educação e interdisciplinaridade. As falas foram analisadas de acordo com a hermenêutica-dialética. Como resultado observamos que para realizarmos uma Promoção da Saúde comprometida com o SUS, é necessário que profissionais e comunidade estejam unidos em prol de um mesmo objetivo, como também, a importância da educação dialógica na formação de Grupos de Promoção da Saúde e na formação dos profissionais da saúde, sendo necessário que tanto profissionais como comunidade tenham consciência do seu papel transformador da sociedade. Durante o processo de pesquisa, surgiram termos como empoderamento, emancipação e autonomia que resultaram à parte em um artigo que se encontra inserido, como capítulo, nesta dissertação.

Palavras-chave: Promoção da Saúde, Educação em Saúde, Participação Comunitária.

ABSTRACT

The present qualitative descriptive-exploratory thesis discusses the nuances of the Promotion of Health and the Diseases Prevention, inside the *Revolução dos Baldinhos* (Revolution of the Pails) group, which lies in a community located in the continental area of Florianópolis. Based on non-structured interviews carried out with residents and professionals who act in town, we obtained information on the actions of the group inside the Chico Mendes community. After transcribing and analyzing, five categories took form from the interviews (1) Promotion of Health; (2) The beginning of the event; (3) Revolution, process, culture, emancipation / autonomy and individual benefit; (4) Institutionalization and public power and (5) organic intellect, education and interdisciplinarity. The words were analyzed in accordance to the hermeneutic-dialect. As a result, we noticed that to carry out a Promotion of Health committed to *SUS*, it takes professionals and community joined on behalf of the same objective, as well as the importance of the dialogic education in the formation of Health Promotion Groups along with the health professionals, since both professionals and community are conscious of their changing role within the society. During the inquiring process, came to form terms as empowerment, emancipation and autonomy resulting particularly into an article inserted here as a chapter, in this present thesis.

Key-words: Health Promotion, Education in Health, Community Participation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	19
2. JUSTIFICATIVA	25
3. OBJETIVOS	27
4. PROMOÇÃO DA SAÚDE.....	29
5. ARTIGO - EMPODERAMENTO, EMANCIPAÇÃO E AUTONOMIA	45
REFERÊNCIAS	61
6. PERCURSO METODOLÓGICO.....	63
7. A REVOLUÇÃO DOS BALDINHOS	69
8. CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	75
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS	105
ANEXO.....	111

1. INTRODUÇÃO

Debulhar o trigo Recolher
cada bago do trigo...

Rosen (1979) em sua obra *Da Polícia Médica à Medicina Social* levanta a hipótese de que se a doença surge e afeta as condições ou as relações sociais em que vivem os indivíduos, então ela é um fenômeno social que deve ser estudado enquanto tal e enquanto fenômeno só pode ser entendido dentro de um contexto biossocial. O autor completa afirmando que nossas doenças e acidentes refletem de várias formas o mundo em que vivemos, o que fazemos nele e com ele. Rosen (1979, p. 62) continua nesta linha de pensamento quando ressalta que

A forma pela qual um indivíduo em um determinado período histórico percebe seu mundo, a forma pela qual ele o sente dependem de seus interesses, crenças e valores, da relação complexa que existe entre sua vida interior, seu padrão de vida e as condições sociais e culturais específicas que ele encontra em seu ambiente.

Ao concordarmos com o que foi dito acima, vamos perceber que doença, de acordo com Rosen (1979), é um processo biológico, possuindo ainda outra dimensão. No homem a doença não existe somente como ‘natureza pura’, sendo mediada e modificada pela atividade social e pelo ambiente cultural que tal atividade cria.

A Medicina Social vem sendo discutida no mundo desde o século XIX, quando, segundo Rosen (1979), o médico Rudolf Virchow atribuiu a irrupção de uma epidemia de tifo na Alta Silésia, ocorrida em 1847, ao conjunto de fatores econômicos e sociais, e que só com uma radical reforma social que compreendia educação, liberdade e prosperidade, temas tratados pela Promoção da Saúde, era possível obter êxito no controle das epidemias. Precisamos contextualizar o que estava ocorrendo no mundo, nessa época, para entender o modo de pensar de Virchow que, durante esse período na Europa, participou de várias revoluções, algumas de fundo comunista. Vale lembrar que em 1848, Marx e Engels publicam o manifesto comunista e também participam ativamente do movimento revolucionário.

Segundo Nunes, (1985) é inegável que a bacteriologia trouxe avanços sobre a causação das doenças, fato que suspendeu as abordagens sociais dos problemas de saúde. Desse modo na Europa e

na América Latina o progresso em relação ao social foi retardado. Ressurge, por volta de 1930, ou mais precisamente após a II Guerra, em alguns países, o interesse pelos aspectos sociais da doença, tema trazido por pesquisadores como Michael M. Davis e Henry Sigerist, Bernhardt Stern. Somente muitos anos mais tarde, e frente a precárias condições de saúde, mesmo com o advento da bacteriologia e a manutenção de seus ideais em relação à doença. Nos países latino-americanos só por volta de 1950 é que cresce o interesse pela valorização do social na saúde, sendo impulsionado pela proposta de reformas da educação médica.

A volta das ciências sociais e saúde para tratar da etiologia das doenças traz novamente à tona a Promoção da Saúde tratada nos idos de 1840, quando Virchow, segundo Rosen (1979, p. 85), admite que as condições econômicas e sociais continuam tendo efeito sobre a saúde e a doença. Logicamente, Virchow conclui que “devem ser tomadas providências no sentido de **promover a saúde e combater a doença** (grifo do autor) e que as medidas concernidas em tal ação devem ser tanto sociais quanto médicas”. Virchow vai ainda mais além quando, em um artigo citado por Rosen (1979, p. 82) conceitua e argumenta que

O Estado democrático deseja que todos os seus cidadãos gozem de um estado de bem-estar, pois reconhece que todos têm direitos iguais. Na medida em que a igualdade de direitos leva ao auto-governo, o Estado também tem o direito de esperar que cada um saiba como, através de seu próprio trabalho, alcançar e manter um estado de bem-estar dentro dos limites das leis estabelecidas pelo próprio povo. Mas sendo a saúde e a educação condições do bem-estar, é tarefa do Estado providenciar para que o maior número de pessoas tenha acesso, através da ação pública, aos meios de manutenção e promoção tanto da saúde como da educação... assim, não é suficiente que o Estado garanta a cada cidadão o necessário a sua existência e dê assistência a todo aquele cujo trabalho não é suficiente para a obtenção do necessário. O Estado deve fazer mais: deve assistir todos para que tenham as condições necessárias para gozar de uma existência saudável.

É importante abriremos um parêntese para esclarecer que existem pelo menos dois tipos de Promoção da Saúde, como veremos detalhadamente mais tarde: a Promoção da Saúde Behaviorista e a nova

Promoção da Saúde, como vem sendo tratada por alguns autores, além é claro da Prevenção da Doença. É importante frisar que mesmo nos dias de hoje, não parece estar claro o conceito e os tipos existentes de Promoção de Saúde, se observamos ser tênue, para alguns profissionais da saúde, a linha que separa Promoção da Saúde e Prevenção de Doença. Ainda mais tênue se faz a linha que separa a Promoção de Saúde Behaviorista da nova Promoção da Saúde. Neste sentido, vemos a necessidade de aprofundar os conhecimentos acerca da promoção da saúde, da saúde e da determinação social da doença.

Acreditamos que a falta de compreensão do sentido de promoção faz alguns profissionais concentrarem suas ações no modo preventivista, onde os indivíduos são responsabilizados pela “aquisição” da doença e assim podemos concluir que ainda estamos longe de praticar o conceito de Virchow sobre Promoção da Saúde do século XIX.

Por volta da década de 80, inicia-se uma série de Conferências Internacionais da Saúde, organizadas pela Organização Mundial da Saúde - OMS, tema que trataremos com mais aprofundamento em um capítulo designado para tal. Vale ressaltar aqui que, segundo Carvalho (2004), a Promoção da Saúde começa a ser tratada como política pública quando o então Ministro da Saúde Canadense, Lalonde, em seu relatório de 1974, preconiza adicionar anos à vida e adicionar vida aos anos, garantindo qualidade de vida de indivíduos e de coletivos. A partir disso, todas as Conferências vêm tratando do tema Promoção da Saúde. Quatro importantes Conferências Internacionais trataram de forma mais sistemática este assunto, as de Ottawa (1986), Adelaide (1988), Sundsvall (1991) e Jacarta (1997), estabelecendo as bases conceituais e políticas da Promoção da Saúde.

No Brasil onde, segundo Carvalho (2008), as carências e a exclusão social são elementos que delimitam o potencial de qualidade de vida e saúde ao alcance da maioria, promover saúde deve ser sinônimo de transformação social na direção da justiça e da inclusão. Para Buss (2000b), a Saúde Pública tem o compromisso histórico de identificar as condições da saúde da população e de explicar seus determinantes (determinação), a fim de formular e implementar propostas de intervenção mais eficazes e eficientes para fazer frente à situação, incluindo a mobilização da ação de outros setores sociais e governamentais.

Nesse sentido Buss (2000b) relata que a promoção da saúde surge como proposta de intervenção e uma revalorização do social como fonte e explicação dos problemas de saúde e como recurso a ser mobilizado para enfrentar os mesmos. O conceito mais novo de promoção da saúde

surge nas últimas duas décadas em países como Canadá, Estados Unidos e países da Europa Ocidental. Consequentemente, como chama atenção Lupton, citado por Carvalho (2004), a subjetividade da Promoção da Saúde é baseada na imagem de um indivíduo de classe média, racional, civilizado, disciplinado e consciente de sua saúde. Desta forma, merece consideração uma avaliação mais apurada sobre as políticas públicas que determinam as atividades de Promoção da Saúde, levando em conta o respeito à autonomia da população atendida.

Dentro do Sistema Único de Saúde - SUS a estratégia de Promoção da Saúde é retomada como uma possibilidade de focar os aspectos que determinam o processo saúde-adoecimento em nosso País – como, por exemplo: violência, desemprego, subemprego, falta de saneamento básico, habitação inadequada e/ou ausente, dificuldade de acesso à educação, fome, urbanização desordenada, qualidade do ar e da água ameaçada e deteriorada – e potencializar formas mais amplas de intervir em saúde. A Promoção da Saúde, como uma das estratégias de produção de saúde, ou seja, como um modo de pensar e de operar articulado às demais políticas e tecnologias desenvolvidas no sistema de saúde brasileiro, contribui na construção de ações que possibilitam responder às necessidades sociais em saúde. A Política Nacional de Promoção da Saúde entende, portanto, que a promoção da saúde é uma estratégia de articulação transversal, na qual se confere visibilidade aos fatores que colocam a saúde da população em risco e às diferenças entre necessidades, territórios e culturas presentes no nosso País. Visando à criação de mecanismos que reduzam as situações de vulnerabilidade, defendem radicalmente a equidade e incorporem a participação e o controle sociais na gestão das políticas públicas. Estas atividades, porém, não ocorrem na maioria dos lugares (Brasil, 2011).

Ao citar Virchow como importante pensador da Promoção da Saúde, concordamos não só com sua opinião sobre Promoção da Saúde como também quando diz que a educação faz parte das condições de bem-estar de uma população, sendo, portanto, um item que nos interessa, mas deve ficar claro que não seria qualquer tipo de educação que se utilizaria para fazer Promoção da Saúde. Bordenave (1982) esclarece que os processos educativos, assim como os métodos de ensino-aprendizagem, se baseiam em uma determinada pedagogia, ou seja, na concepção de como conseguir que as pessoas aprendam e modifiquem o seu comportamento. Essa pedagogia, por sua vez, se fundamenta em uma determinada teoria do conhecimento que é influenciada pela ideologia de classe.

Mészáros (2008) aprofunda mais o tema educação e ideologia de classe, dizendo que não é de se surpreender que o desenvolvimento tenha caminhado junto com a doutrinação da grande massa, colocando a ordem do capital como uma ordem natural e inalterável, justificada pela objetividade científica e pela neutralidade de valor, sendo parte integrante da educação capitalista onde os indivíduos são mergulhados nos valores da sociedade de mercadorias. A educação contínua do sistema capitalista estabelece que a presente ordem social não necessita de uma transformação mais intensa, precisa apenas de uma ‘regulação mais exata’, propostas que vemos frequentemente nas várias mídias como solução para as repetidas crises do capital. Ao contrário dessa cena, a educação socialista, com a qual obviamente concordamos, indica uma transformação social de longo alcance, que seja racionalmente concebida e recomendada, articulada com as tarefas escolhidas pelos indivíduos e de sua determinação consciente em realizá-las. A educação socialista se destina a indivíduos sociais, indivíduos que não podem sequer serem imaginados fora de seu contexto social e histórico, já que é dessa forma que se formulam valores que, conseqüentemente, os definirá como indivíduos sociais autônomos. A educação socialista desempenha papel fundamental na necessidade da emancipação humana.

Considerando os diferentes processos pedagógicos que são colocados em prática, Santos (2006) concebe teoricamente que o grupo de formação progressista, como o que foi objeto de estudo desta dissertação, é instrumento a serviço da autonomia e do desenvolvimento contínuo do nível de saúde e condições de vida que se caracterizam como um conjunto de pessoas ligadas por constantes de tempo, espaço e limites de funcionamento, que interagem cooperativamente a fim de realizar a tarefa atribuída. Nesse grupo, indivíduos se relacionam socialmente na perspectiva de promover saúde ou de prevenir doença.

Para melhor ponderar sobre os temas Promoção da Saúde e Educação e sobre todos os demais assuntos que vieram se agregando aos dois temas maiores, fomos a campo apreciar de forma crítica e sistemática, por meio de entrevistas individuais, e analisadas à luz da hermenêutica dialética, a história de um grupo de Promoção da Saúde chamado Revolução dos Baldinhos. Que começa por conta de uma infestação de ratos ocorrida na comunidade Chico Mendes, localizada na parte continental do município de Florianópolis. Praticando uma atividade inicialmente preventivista, com o passar do tempo o grupo extrapola o objetivo de diminuir a população de ratos, e começa a realizar atividades de Promoção da Saúde que causam, como o próprio nome diz, uma revolução.

Para Santos (2006), os grupos de Promoção da Saúde não se encontram necessariamente dentro das unidades de saúde, podem ser organizados em associações, conselhos, igrejas e escolas. Realidade encontrada durante esta pesquisa, já que o grupo estudado surgiu dentro da Estratégia da Saúde da Família - ESF, mas em pouco tempo tornou-se autônomo e seguiu realizando suas atividades dentro da comunidade onde nasceu. Ao acompanhar e entrevistar os integrantes do grupo, concordamos com Santos (2006) quando afirma que esses grupos são pensados de maneira a facilitar a conquista da autonomia, deslocando o foco da doença para as possibilidades saudáveis que se apresentem. Podemos confirmar que dentro do grupo, objeto de pesquisa desta dissertação, ocorre uma forma de educação relatada por Freire (2008 p.79), quando ele diz que “Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

2. JUSTIFICATIVA

...Forjar no trigo o milagre do pão
E se fartar de pão...

Se entendermos que a sociedade tem obrigação de proteger a saúde de seus membros e admitirmos que as condições econômicas e sociais têm um efeito importante sobre a saúde e a doença, e se concordamos com a maneira de pensar de Rosen (1979, p. 85), concluímos que “devem ser tomadas providências no sentido de promover a saúde e combater a doença e que as medidas concernidas em tal ação devem ser tanto sociais quanto médicas.” Esse trecho, retirado do livro *Da Polícia Médica à Medicina Social*, de George Rosen constitui o terceiro princípio contido na ideia da medicina como ciência social, reconhecido por Virchow, Neumann e outros médicos que participaram do movimento de 1848. Talvez esta seja a primeira vez que o termo Promoção da Saúde aparece na literatura e mesmo tendo passado tanto tempo, ainda é possível que promover saúde não ocorra nesta perspectiva, em grande escala no Brasil.

Considerando que existem diferenças em relação à Promoção da Saúde, Promoção da Saúde Behaviorista e a Prevenção de Doença e após algumas conversas com informantes-chaves elegemos uma localidade do município de Florianópolis, por entendermos que a comunidade realiza um trabalho de Promoção da Saúde a partir de um conceito de saúde ampliado, como ponto de partida. Existia a possibilidade de que no decurso da pesquisa houvesse necessidade de estudar outro grupo, o que não nos pareceu necessário.

Na revisão da literatura, encontramos pelo menos três pontos de vista muito distintos que são: a Prevenção de Doença clássica, a Promoção da Saúde behaviorista, e a Promoção da Saúde vinculada à determinação social. Escolhemos aprofundar o estudo sobre Promoção da Saúde vinculada à determinação social, apesar de tratarmos teoricamente dos outros dois temas e os utilizarmos no trabalho de análise.

Observamos o modo como foi realizado a Educação em Saúde no grupo eleito, diferente do que estamos acostumados a vivenciar no SUS, e os ótimos resultados obtidos. Sendo assim, isto nos remete a escrever sobre os processos pedagógicos que fazem a Promoção da Saúde acontecer de maneira não biologicista.

A investigação sobre Grupos de Promoção da Saúde nos levou até a comunidade Chico Mendes, localizada no município de

Florianópolis, comunidade antigamente reconhecida como violenta e carente, e que agora apresenta uma experiência que vincula Promoção da Saúde com Educação em Saúde realizada pelos moradores, tendo como parceiros instituições de ensino, Organizações Não Governamentais - ONGs locais, empresas privadas, públicas, e que teve seu início a partir da Unidade Básica de Saúde.

Alguns aspectos do movimento Revolução dos Baldinhos serão tratados nesta dissertação, já que lá acontece a Promoção da Saúde juntamente com Educação Dialógica, evento que o diferencia de todos os outros grupos que durante este percurso tivemos a oportunidade de conhecer.

3. OBJETIVOS

...Decepar a cana
Recolher a garapa da cana...

O objetivo geral desta pesquisa é o de investigar as concepções dos indivíduos que fazem ou fizeram parte do grupo Revolução dos Baldinhos, localizado na comunidade Chico Mendes, em Florianópolis, em relação a alguns conceitos de saúde (promoção e prevenção), aos processos pedagógicos (transformadores de realidade), à determinação social da doença, e à história de formação do grupo.

Durante o trabalho de investigação, outras questões específicas são consideradas, como: identificar as transformações causadas pelo grupo, nas pessoas e a percepção deles sobre o impacto da atividade do grupo dentro da comunidade; discutir a prática do grupo dentro e fora da comunidade a partir dos conceitos teóricos sobre Promoção da Saúde, Promoção da Saúde Behaviorista e Prevenção da Doença; analisar as contradições entre os componentes do grupo e dos profissionais que atuaram no grupo.

4. PROMOÇÃO DA SAÚDE

...Roubar da cana a doçura do mel,
Se lambuzar de mel...

A revisão da literatura tem o intuito de, sucintamente, tratar dos temas que serão abordados nesta dissertação e suas interligações. Portanto, faremos menção às Conferências Internacionais de Saúde, tendo a Promoção da Saúde como tema. Paralelamente, faremos um breve relato dos acontecimentos históricos e políticos do Brasil e, em prosseguimento nos ocuparemos de entrelaçar a importância da pedagogia para a Promoção da Saúde enquanto ação política. As críticas referentes a esses assuntos serão abordadas nas considerações finais.

A fim de delimitar o tema que será tratado, iniciamos a revisão abordando o modelo da história natural da doença, desenvolvido por Leavell e Clark, que segundo Nadanovsky (2008), aconteceu por volta da metade do século XX e que ainda tem servido de referência, mesmo que com restrições, para auxiliar na compreensão dos conceitos de saúde e doença.

Podemos observar que os autores consideram os indivíduos saudáveis sempre em um estágio de pré-patogenese, não considerando a saúde como um estado de bem-estar global e subjetivo, inerente à experiência de vida de cada indivíduo. Neste sentido Escorel (1998) relata que os conceitos básicos do discurso preventivista são a história natural da doença, o conceito ecológico de saúde e doença e a multicausalidade. Nos três o social é mitificado, reduzido ou simplificado de forma a surgir como meio ambiente onde existam agentes causais e não como uma sociedade que determina os estados de saúde e doença de seus indivíduos.

Uma leitura mais atenta do capítulo sob o título Níveis de Aplicação da Medicina Preventiva, do livro Medicina Preventiva de Leavell e Clark (1976), percebemos que a promoção da saúde tratada por esses autores, se restringe à mudança comportamental, mesmo quando os autores tratam saúde como não somente a ausência de doença. As atividades prescritas por eles como promotoras da saúde giram em torno da doença e não da saúde.

Seguindo o tema, Leavell e Clark (1976) se utilizam da sífilis para exemplificar sua teoria, acreditam que a ignorância biológica é responsável por grande parte das doenças venéreas e colocam como uma das atividades para combater a disseminação de tais doenças o aumento à repressão da prostituição. Com esta atitude estes autores tendem

apenas a criar um estigma social na figura da prostituta, como sendo ela o indivíduo culpado por transmitir a sífilis aos seus clientes. Não é mais possível continuarmos a acreditar que ações como esta algum dia irão contribuir para a melhoria da saúde, é preciso vermos além desses comportamentos focalizados, observamos que o item que mais influencia no nível de saúde de uma população é a forma como ela se organiza.

O tema, Promoção da Saúde, vem sendo discutido por várias Conferências Internacionais ao redor do mundo. Conferências que apontaram a direção em que a saúde dos países deveria caminhar, colocando metas a serem cumpridas com prazos estabelecidos. A história da Política da Promoção da Saúde no mundo passa por todas essas Conferências que agora nos cabe, resumidamente, retratar.

Para Carvalho (2004), o primeiro deles foi o Relatório de Lalonde, 1974, que preconiza adicionar anos à vida e adicionar vida aos anos, garantindo qualidade de vida de indivíduos e de coletivos.

De acordo com Pedrosa, apud Rootman e col (2004), a publicação do relatório de Lalonde foi o momento inaugural da Promoção da Saúde enquanto campo de saber e de intervenções. Em sua concepção, é o primeiro documento sobre Promoção da Saúde como política de governo. Considera-se este documento um dispositivo disparador de ações em torno da política de Promoção da Saúde em vários países, indicando para promoção duas dimensões: como conceito e como estratégia, que podem ser usadas por governos, organizações, comunidades e indivíduos.

Citaremos, ao longo do trabalho, os conceitos de saúde segundo Alma-Ata e o conceito ampliado de saúde segundo a Constituição Brasileira de 1988, na tentativa de percebermos a influência destes nas políticas públicas, além de possivelmente serem usados como base ideológica na construção de outras máximas relacionadas à saúde.

Em relatório, a OMS (1978) traz a Conferência Internacional sobre os Cuidados Primários de Saúde em Alma-Ata, União das Repúblicas Socialista Soviéticas - URSS, onde se conceituou saúde como “O estado de bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doenças ou enfermidades”. A obtenção do mais alto nível de saúde era a meta mundial proposta e também ficou estabelecido o ano de 2000 para que os povos atingissem um nível de saúde em que fossem capazes de levar uma vida social e economicamente produtiva, desde que dentro de um custo que os países e as comunidades conseguissem manter em cada fase de seu desenvolvimento. O relatório traz ainda sete itens sobre os cuidados primários de saúde, incluídos estão a educação

como objetivo de prevenir as doenças, incentivar a comunidade no planejamento, organização, operação e controle dos cuidados primários em saúde, sendo responsabilidade dos governos formular políticas públicas para lançar/sustentar os projetos de cuidado primário.

Pela importância política cabe ressaltar as demais Conferências que abordaram o tema tratado neste trabalho.

Ao final da Conferência Mundial sobre Promoção da Saúde realizada em Ottawa, Canadá, no ano de 1986, a Organização Pan-Americana da Saúde - OPAS apresentou uma carta de intenção onde se conceituou Promoção da Saúde como sendo um nome dado ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle desse processo. Porém, em 1942, muito antes dessa Conferência fundamental sobre Promoção à Saúde, Henry Sigerist escreveu que saúde se promove proporcionando condições de vida decente, boas condições de trabalho, de educação, cultura física e formas de distração e descanso, como afirma (Brasil, 2006). A saúde deve ser vista como um recurso para vida, e não como um objetivo de viver. Neste sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais bem como as capacidades físicas. Assim, a Promoção da Saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, vai além de um estilo de vida saudável e, caminha na direção de um bem-estar global.

A Carta de Ottawa, divulgada pela OPAS (1986), descreve que os recursos fundamentais para saúde são: paz, habitação, educação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade. Com isso elegem a saúde como maior recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, dando uma importante dimensão para qualidade de vida.

As estratégias e programas na área de promoção da saúde, de acordo com a OPAS (1986), devem adaptar-se às necessidades de cada local, como também às possibilidades de cada país e região no que tange aos seus sistemas sociais, culturais e econômicos, e ao mesmo tempo relata que Promoção de Saúde vai além dos cuidados de saúde, combinando diversas abordagens complementares, que incluem legislação, medidas fiscais, taxação e mudanças organizacionais. Esse relatório, que aborda Promoção da Saúde, preconiza vários componentes de máxima importância, mas não deixa claro se é possível alcançar os objetivos sem que aconteça uma transformação social.

Ainda de acordo com a OPAS (1986), a Carta de Ottawa afirma que o trabalho e o lazer deveriam ser fontes de saúde para as pessoas. A organização social do trabalho deveria contribuir para a formação de

uma sociedade mais saudável. A Promoção da Saúde deveria gerar condições de vida e trabalho seguros, estimulantes, satisfatórios e agradáveis, através de ações comunitárias concretas e efetivas no desenvolvimento das prioridades, das tomadas de decisões, na definição de estratégias, e na sua implementação. Para isso, o desenvolvimento humano é feito com os recursos humanos e materiais já existentes na comunidade.

A OPAS (1988) relata que a Declaração de Adelaide, reafirma a justiça social e a equidade como pré-requisitos para a saúde. Assim, o princípio básico da justiça social é assegurar que a população tenha acesso aos meios imprescindíveis para uma vida saudável e satisfatória, e ainda aumentará de maneira geral, a produtividade da sociedade tanto econômica quanto social. Porém para que a população possa ser bem informada e assim usufruir das políticas públicas, o processo de alfabetização e o nível de educação são fundamentais na comunidade.

Para a OPAS (1991), a Declaração de Sundsvall relata que as desigualdades refletem-se no largo fosso do nível de saúde existente tanto comparando dentro de um mesmo país, como entre países. Esta declaração é mais uma a relatar a necessidade de uma melhor justiça social, pois milhões de pessoas vivem em extrema pobreza, sem água potável, alimentação adequada, abrigo e saneamento, além de viverem em um ambiente degradado. Esse modo de vida frustra o sonho das pessoas de construir um futuro melhor, e nestes casos a educação se encontra ou inatingível ou insuficiente, o que torna falho o objetivo de capacitar a população mais pobre. As ações devem envolver, predominantemente, educação, transporte, habitação, desenvolvimento urbano, produção industrial e agricultura. Portanto, Promoção da Saúde também se faz com políticas públicas. Ainda se faz necessário aumentar o poder de decisão das pessoas aumentando sua participação comunitária tornando-as essenciais no processo de promoção da saúde.

A Declaração de Sundsvall, segundo a OPAS (1991), ainda leva em conta as grandes diferenças de renda que provocam a desigualdade no acesso ao sistema de saúde e também dificultam a melhoria da situação que garante qualidade de vida. O desenvolvimento industrial que se baseia em lucro alto em um período curto de tempo e na exploração da força de trabalho, não leva em conta a saúde da população, nem a proteção do meio ambiente. Portanto não se vê Promoção da Saúde separada dos temas: saúde, ambiente e desenvolvimento humano.

Já na Declaração de Santafé de Bogotá, a OPAS (1992) sugere que a promoção da saúde na América Latina busque a criação de

condições que garantam o bem-estar geral como propósito fundamental do desenvolvimento, assumindo a relação mútua entre saúde e desenvolvimento, porém acreditando que Promoção da Saúde se faz com “repasso de informação e a promoção do conhecimento como fomentadores das mudanças no estilo de vida nas comunidades”.

A Carta do Caribe para Promoção da Saúde, conforme (Brasil, 2002), tem o entendimento caribenho de Promoção da Saúde enfocando o fortalecimento da capacidade dos indivíduos e das comunidades para controlar, melhorar e manter seu bem-estar não se baseando apenas na prevenção e controle de enfermidades e sim na saúde como um recurso positivo exigindo um entrelaçamento do setor saúde com outros setores do estado. Então esta Promoção da Saúde favorecerá a criatividade e a produtividade em um clima de boas relações e paz. Para que isso ocorra, segundo a Carta do Caribe, é necessário um reordenamento dos serviços de saúde, colocando a comunidade no processo de participação, para que se fortaleçam as comunidades. Processo que deve ser construído a partir da cultura caribenha, dando às comunidades as ferramentas necessárias para isso, através da educação para saúde que deve ser facilitada em todas as etapas da vida.

A situação de iniquidade da saúde na América Latina reitera a necessidade de se optar por novas alternativas na ação de saúde pública, orientadas a combater o sofrimento causado pelas enfermidades da urbanização e industrialização, sendo um desafio ainda maior a Promoção da Saúde na América Latina, pois ela tem que conciliar os propósitos sociais de bem-estar para todos e trabalhar pela solidariedade e equidade social com os interesses econômicos do modelo vigente de Estado.

Na Declaração de Jacarta, a OMS (1997) reitera a saúde como direito humano fundamental para o desenvolvimento social e econômico, a Promoção da Saúde é reconhecida mais uma vez como um elemento para o desenvolvimento da saúde dos indivíduos preconizando que tenham maior controle sobre sua saúde e capacidade para melhorá-la.

Esta declaração também traz, de acordo com a OMS (1997), uma lista importante dos “determinantes da saúde¹”, mas só alguns itens novos em relação às outras declarações, que são: direito à voz para

¹ Colocamos determinantes da saúde entre aspas por acreditar que exista uma determinação superior a estes, que seria o sistema político – econômico atual, que condiciona de forma necessária o modo de produção e, conseqüentemente todas as variantes relacionadas à saúde.

mulheres, e o respeito aos direitos humanos. A Declaração enfatiza a participação na ação de Promoção da Saúde e no processo de decisão, e para isso o acesso à instrução e à informação é essencial para referendar o direito de voz das pessoas e das comunidades. Consequentemente, a Promoção da Saúde se efetua pelo e com o povo, e não sobre e para o povo. Ela vem com o objetivo de melhorar a habilidade das pessoas para agir em grupos, organizações ou comunidades e assim influenciar os “determinantes da saúde”.

Passados 20 anos de Alma-Ata, a Rede Megapaíses para Promoção da Saúde da OMS, segundo OPAS (1998), nasceu da necessidade e do reconhecimento de formar uma rede para possibilitar um maior impacto na saúde mundial. Neste encontro, a Rede, relata que a globalização fez os problemas de saúde transcender dos limites nacionais, sendo afetada negativamente pelos agentes tóxicos e nocivos, armas, substâncias lícitas e ilícitas e o “marketing” multinacional de produtos insalubres com alguns dos quais itens muitos países não conseguem lidar de maneira satisfatória.

Na 5ª Conferência Internacional realizada no México no ano de 2000, a OPAS (2000) constatou que, apesar de uma melhoria significativa da saúde, ainda existem problemas de saúde que prejudicam o desenvolvimento social e econômico.

Até este ponto podemos relatar o sentido conceitual de Promoção da Saúde no âmbito global. A partir de agora vamos tentar analisar Promoção da Saúde no Brasil, e qual o conceito de Promoção da Saúde a cerca do que utilizaremos neste trabalho. Para isso faz-se necessário um relato sobre o sistema de saúde brasileiro para que se entenda o teor dos conceitos que serão trabalhados neste momento.

Paralelo às Conferências, Kucinski e Leodegar, citados por Da Ros (2004), relatam que o Brasil estava passando por mudanças políticas extremamente importantes, saindo de uma ditadura militar que durou 21 anos. Durante essas duas décadas o orçamento da saúde passou de 8% para 0,8%. O Ministério da Previdência teve seus recursos pulverizados para financiar as grandes obras, a corrupção se torna disseminada em todos os níveis e das formas mais inimagináveis, a inadimplência dos patrões em recolher fundos para previdência aumentou, iniciou-se o pagamento por Unidades de Serviço, pagava-se mais pelo uso de procedimentos sofisticados, criou-se uma central de medicamentos e então está pronto o terreno para o complexo médico-industrial se instalar, e para concluir o quadro, muda-se a formação médica com a reformulação dos currículos.

A repressão continuava a aumentar e Da Ros (2004) relata que, no ano de 73, o complexo médico-industrial havia formado uma forte bancada nas assembléias e câmaras e um discurso muito disseminado na época era: “primeiro fazer o ‘bolo’ crescer para depois dividi-lo”. Neste mesmo período se inicia a crise do petróleo que causa grande crise no governo militar, começamos a ver também os resultados de tantos desmandos, as epidemias explodem no país e em relatório, a Escola Superior de Guerra publica a diminuição das condições de saúde do brasileiro, aumentam as cáries, as verminoses e principalmente a altura média do brasileiro diminui. Hoje, sabe-se que para que ocorra a diminuição da altura média de uma população dessa forma epidêmica é preciso passar por privações crônicas de alimentos e acesso a serviço de saúde. O brasileiro então sofria de fome crônica e severa, fato denunciado pelo importante pensador Josué de Castro o que lhe rendeu exílio na França e lhe custou a vida, possivelmente por saudades de sua terra.

Corroborando com Da Ros, Escorel (1998 p. 48-49) acrescenta que

Neste período a realidade era de concentração de renda, arrocho salarial, perda do poder aquisitivo do salário, aumento dos preços, diminuição da oferta de alimentos, colapso dos serviços públicos de transporte e de saúde; enfim, atingindo as condições de vida de uma grande parte da população urbana. Este momento foi marcado pela crise sanitária, as epidemias de meningite de 1974 e 1975, faziam parte desta crise, o Governo censurou energicamente qualquer notícia sobre o assunto, aumentando a desinformação e o pânico, seguindo determinou a vacinação em massa, e para isso financiou a instalação, na França, de uma fábrica de vacinas antimeningites. Na verdade, essas epidemias, assim como o aumento da mortalidade infantil e da desnutrição em São Paulo e em outros centros urbanos, eram o reverso do milagre. A deterioração das condições sanitárias, e a queda na qualidade do ar e da água, levaram ao surgimento das grandes epidemias nas regiões metropolitanas, afetando, invariavelmente, as populações mais pobres da periferia.

Para Da Ros (2004), como todo poder exercido cria a sua resistência, na década de 70 começam a surgir movimentos contra-hegemônicos organizados pelas Igrejas, por estudantes e por profissionais e professores universitários. Em 76, os movimentos se encontram e compõem um movimento único que pleiteava o fim da ditadura e um sistema de saúde único. Nascia assim, o Movimento da Reforma Sanitária e o SUS começava a tomar forma, e até a metade da década de 80 várias experiências de criar programas longe da ideologia médico-industrial foram realizadas.

O Movimento de Reforma Sanitária, segundo Escorel (1998, p. 63), articulou-se durante o Governo de Geisel, e ao fim dele se apresentou como movimento propriamente dito, com órgãos de representação, propostas de transformação, mecanismos de formação de agentes e de divulgação de seu pensamento. Ao longo de sua articulação, o Movimento Sanitário foi aprimorando não só sua organização, como também sua proposta para enfrentar esta situação. E, segundo o movimento,

O atual estado de saúde da população brasileira é consequência de uma dupla determinação. De uma política econômica e social que colocou nas costas dos assalariados quase todo o ônus do crescimento econômico (...) e de uma política de saúde cuja característica mais importante é o empresariamento e cujo objetivo fundamental é o lucro.

Já no Governo de Figueiredo, a situação citada ainda perdurava, o movimento sanitário já totalmente articulado iniciava sua associação à luta mais geral da sociedade brasileira pela democracia. Escorel (1998, p. 64) reafirmava entender que:

Por uma saúde autenticamente democrática, quatro grandes reconhecimentos: de que a saúde é um direito universal e inalienável do homem; de que são as condições de caráter socioeconômico as que viabilizam a preservação da saúde; de que as ações médicas detêm responsabilidade parcial, porém intransferível na promoção da saúde; e, que diante do caráter social desse direito cabe à coletividade e ao Estado a sua efetiva implementação.

Após vários anos de luta contra um regime ditatorial, segundo relato de Escorel (1998) e se Da Ros (2004), o movimento sanitário unindo-se ao movimento de “Diretas Já”, constatou que eram necessárias medidas que detivessem o empresariamento da medicina tornando-a um bem social gratuito, e para que isso ocorresse seria necessário criar um Sistema Único de Saúde, sob total responsabilidade do Estado. Anos mais tarde todos estes movimentos em prol desta transformação eclodem na 8ª Conferência Nacional de Saúde, envolvendo a sociedade organizada sob o tema: “Saúde direito de todos e dever do estado”. Nesta Conferência torna-se público o conceito ampliado de saúde norteador do SUS, conforme esclarece Da Ros ao citar Brasil (1986, p. 58):

Em seu sentido mais abrangente, a saúde é resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse de terra e acesso a serviços de saúde. É assim, antes de tudo o resultado das formas de organização social da produção, os quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida,..., A saúde não é um conceito abstrato. Define-se no contexto histórico de determinada sociedade e num dado momento de seu desenvolvimento, devendo ser conquistado pela população em suas lutas cotidianas.

Com o final da ditadura na segunda metade da década de 80, de acordo com Da Ros (2004), é instaurada a Comissão para formação da nova Constituinte Brasileira, assessorada pela Comissão Nacional da Reforma Sanitária. Isso resultou, pela primeira vez na história brasileira, em artigos sobre saúde, criando então, o SUS.

Nesta Constituição promulgada em 05 de Outubro de 1988, um dos princípios filosóficos era o de que produzir saúde implica na organização de processos de trabalho que operem em diferentes planos de cuidados os quais coexistem num mesmo território de saúde, grupos e/ou sujeitos, sem perder de vista o imperativo de integralidade para uma ação sanitária efetiva.

Assim, para Neto (200_?), produzir saúde numa perspectiva da construção de qualidade de vida e de emancipação dos sujeitos implica em rever os modos de organização dos serviços de atenção à saúde e na articulação com outros serviços e políticas sociais de saúde, nas

condições de vida e nos comportamentos e modos de vida dos indivíduos e coletivos que podem propiciar saúde e bem-estar.

Para respeitar esta perspectiva, surge a necessidade, conforme (Brasil, 1997), de tentar mais uma vez implementar o SUS, organizando o sistema de modo a criar uma porta de entrada, e assim se iniciou o desenvolvimento do Programa de Agentes Comunitários de Saúde - PACS – e o Programa de Saúde da Família - PSF, que mais tarde se torna Estratégia de Saúde da Família. Programas e estratégias modificam as formas de organização dos serviços, as práticas assistenciais no plano local e conseqüentemente a descentralização.

A ESF, segundo Cardoso (2008), tem como pilares o acolhimento, a formação de rede de apoio mútuo e uma maior aproximação entre os serviços de saúde e usuários colocando em prática as novas propostas do SUS com o foco na Promoção da Saúde.

A ESF tem contribuído para a formação de grupos terapêuticos, pois a equipe tem o poder de identificar quais as maiores vulnerabilidades que a comunidade apresenta, devendo trabalhar, então, mais com o objetivo de mobilizar do que realmente cuidar.

Os grupos são formados de acordo com a filosofia da ESF, porém é possível que pelo modelo formador e pela tradição da não formação em educação contra-hegemônica em saúde os profissionais ajam de forma biologicista e preventivista, utilizando a educação bancária para repassar informação. A pedagogia da transmissão para Bordenave (1982), parte da premissa de que ideias e conhecimentos são os pontos mais importantes da educação e, como conseqüência, a experiência fundamental que o aluno deve viver para alcançar seus objetivos é a de receber o que o professor ou o livro lhe oferece. Parece evidente que a pedagogia da transmissão não coincide com as aspirações de um desenvolvimento baseado na transformação das estruturas, no crescimento pleno das pessoas e sua participação ativa no processo de mudança, evolução.

Nesta direção, Cardoso (2008) diz que os grupos de Promoção da Saúde devem ser percebidos como um espaço facilitador de lazer e de relacionamentos sociais e também como divertimento. Estudiosos sobre o assunto apontaram que a participação no grupo de Promoção da Saúde trouxe mudanças positivas, principalmente no que diz respeito a vínculos, a aspectos psicossociais e à qualidade de vida.

Em um trabalho realizado numa comunidade do Rio de Janeiro, Cardoso (2008) ainda relata que se concluiu que a ideia de saúde, hoje, refletida pelos componentes do grupo, vai além da ausência de doença,

sendo associada ao sentir-se bem e feliz, poder trocar e compartilhar com o outro.

Para Santos, citado por Santos, Da Ros, Crepaldi e Ramos (2006), os grupos de Promoção da Saúde são uma intervenção coletiva e interdisciplinar, concebidos como instrumentos a serviço da autonomia e do desenvolvimento contínuo do nível de saúde e condição de vida, fundamentado no conceito positivo de saúde. A construção de relações sociais cooperativas para o desenvolvimento contínuo da autonomia e da Promoção da Saúde são objetivos fundamentais desses grupos.

Mas antes de qualquer outra ação, Buss (2000b) nos convence de que precisamos aprofundar mais sobre os conceitos de Promoção da Saúde e no que estas diferenças modificam a prática no serviço de saúde brasileiro, indicando que as diferentes concepções de Promoção da Saúde podem estar divididas em dois grandes grupos. O primeiro deles é o que refere que Promoção da Saúde consiste nas atividades dirigidas à transformação dos comportamentos dos indivíduos, focalizando seus estilos de vida, localizando-os no seio das famílias e, como máximo, no ambiente das “culturas” comunidades em que se encontram. Neste caso, os programas ou atividades de Promoção da Saúde tendem a se concentrar em componentes educativos, primariamente relacionados com hábitos de comportamento modificáveis que se encontrariam pelo menos em parte, sob o controle dos próprios indivíduos. Por exemplo: o hábito de fumar, a dieta, as atividades físicas, a condução perigosa no trânsito, etc. A partir desta abordagem, ficariam de fora do âmbito da Promoção da Saúde todos os fatores que não estivessem no controle dos indivíduos.

Tech, citado por Carvalho (2008), comenta que a sensação de controle do indivíduo sobre o processo saúde-doença pode contribuir, de passagem, para justificar o argumento de que é possível assegurar a saúde sem que seja necessário realizar transformações no modo de produção vigente, nas relações sociais e/ou de governantes.

Castiel, também citado por Carvalho (2008), acrescenta que esse discurso de Promoção da Saúde e da evitação de riscos parece implicitamente refletir a ótica das formações neoliberais, individualistas que geram grupos de indivíduos entregues a si mesmos e à preocupação com o desempenho baseado em condições individuais... Que sustentem uma identidade frágil, povoada cada vez mais por um mundo imaginário composto por elementos vinculados a “questões de saúde”.

Podemos somar a isso outra visão de Promoção da Saúde na qual Buss (2000 b), indica que a Promoção da Saúde moderna é a constatação do papel de protagonista dos determinantes gerais sobre as

condições de saúde. Isto se sustenta no conceito da saúde como produto de um amplo espectro de fatores relacionados com a qualidade de vida, incluindo um padrão adequado de alimentação e nutrição, de habitação e saneamento, boas condições de trabalho, oportunidade de educação ao longo de toda a vida, ambiente físico limpo, apoio social às famílias e indivíduos, estilo de vida responsável e um espectro adequado de cuidados da saúde. Suas atividades estariam, então, mais dirigidas ao coletivo de indivíduos e ao ambiente entendido em seu sentido amplo, de ambiente favorável ao desenvolvimento da saúde e do reforço da capacidade dos indivíduos e das comunidades (“empowerment”).

Os termos empoderamento, autonomia e emancipação têm se revelado até agora com grande força ideológica. Uma abordagem mais cuidadosa em relação ao significado dos mesmos, será feita principalmente no próximo capítulo desta dissertação.

Segundo Carvalho (2008), mais do que fatores de risco, este outro conceito de Promoção da Saúde é chamado a tratar de situações complexas, onde o risco não é mais externo (alimentação, stress, violência...) ao indivíduo, mas se inscreve com ele, num complexo único de múltiplas dimensões – biológica, social e cultural.

A Promoção da Saúde, de acordo com Carvalho (2008), visa garantir condições dignas de vida e possibilitar que indivíduos e coletivos tenham um maior controle sobre os determinantes da saúde. Neste tema o termo empoderamento que pretende possibilitar aos indivíduos e coletivos um aprendizado que os torne capazes de viver a vida em suas várias etapas, apresentando-se aptos para lidar com limitações impostas por eventuais doenças.

Carvalho (2008) nos chama à atenção para Paulo Freire que é citado como o pensador que inspirou parte da literatura sobre o empoderamento produzida por profissionais comprometidos com a mudança social e com o fortalecimento de práticas cidadãs e transformadoras.

Quando assumimos o papel de profissional de saúde e também o de educador, podemos encontrar na obra de Paulo Freire, mais precisamente no livro *Pedagogia da Autonomia* (2008), a afirmação de que uma das tarefas do educador em relação aos educandos é a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como um ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Portanto, quando se assume toma decisões, rompe, opta.

Mas para Cutolo (2001), este educador/profissional de saúde recebe um tipo de conhecimento durante a sua formação e tende a

reproduzi-lo durante sua vida profissional. Fleck, citado por Cutolo (2001, p. 30), reflete que “toda introdução didática é, literalmente um ‘conduzir dentro’ ou uma suave coerção”. Ainda segundo ele, a coerção de pensamento exercida pelo educador direciona a aquisição do conhecimento pelo grupo, os estilos de pensamento condicionam o saber dos diferentes coletivos de pensamento. O saber é, portanto, uma atividade social por excelência e não pode ser compreendido como um ato individual.

Cutolo (2001, p. 07) cita que o termo Estilo de Pensamento aparece pela primeira vez nos artigos de Fleck, em 1929: “Todo saber tem seu próprio Estilo de Pensamento com sua específica tradição e educação... cada jeito (modo) de saber seleciona diferentes questões, e as conecta com diferentes regras e com diferentes propósitos.”

Fleck trabalha, como nos lembra Schäffer & Schenelle, citado por Cutolo (2001), à semelhança de outros epistemólogos, o modelo interativo de processo de conhecimento, subtraindo, portanto, a neutralidade do sujeito, do objeto e do conhecimento, afinando-se claramente com a concepção dialética de verdade. O conhecimento a que se refere está intimamente ligado a pressupostos e condicionamentos sociais, históricos, antropológicos e culturais e que, à medida que se processa, transforma a realidade. Opõe-se claramente ao modelo empirista/positivista, atribuindo ao sujeito um papel ativo que introduz ao conhecimento uma visão de realidade socialmente transmitida.

Portanto, citando novamente Freire (2008), a educação é uma forma de intervenção no mundo, intervenção esta que implica tanto na reprodução de uma ideologia dominante quanto do seu desmascaramento. A educação jamais será neutra e indiferente, e isso serve para qualquer conteúdo a ser ensinado. Corroborando com o tema acima, Ornellas (1981) concebe que a educação em saúde é entendida como um conjunto de procedimentos educativos utilizados para indução de comportamentos que atendam à consecução de determinados objetivos da medicina. A necessidade de práticas educativas para a população atendida pelos serviços de saúde pública emerge como um forte argumento para a sua implementação, generalizando a crença, entre os técnicos e mesmo entre a população em geral, de que a maioria dos problemas de saúde tem sua origem na “ignorância das pessoas” e que a Educação em Saúde constitui a chave para a solução desses problemas. Uma educação contra-hegemônica em saúde vem, contudo, no sentido de pretender alterar a ordem social, quando esta é a causa das doenças, e para isso é necessário que o profissional seja capaz de se

reconhecer como agente da manutenção ideológica ou como agente de seu desmascaramento.

Escorel (1998, p. 21) acrescenta que:

No modelo preventivista, os conceitos estratégicos eram: a integração no interior da escola médica, na procura da formação de uma consciência consensual que determinasse a transformação da própria escola; a inculcação, que pretendia a partir de experiências pedagógicas, transformar a consciência dos estudantes, buscando incorporar uma nova atitude de prevenção; e a mudança, segundo a ótica de que a História é feita por sujeitos individuais, e considerando o setor saúde dotado de autonomia política, neutralizando, assim, o conjunto das relações sociais que determinam o setor e o próprio sujeito.

Neste sentido, Neto (200_?) e Santos (2006) relatam que as ações de prevenção estão fundamentadas na divulgação de informações científicas generalista, fracamente articuladas aos contextos sócio-econômicos em que se inserem e que as ações de promoção da saúde têm o objetivo de fazer com que os grupos alcancem autonomia, capacidade para reagirem aos processos de saúde-doença, tenham condições de perceber as desigualdades sociais e sejam agentes transformadores.

Consequentemente, Buss (2000a) diz que os profissionais da saúde, os movimentos sociais e as organizações populares e políticas têm responsabilidade sobre as repercussões positivas ou negativas que as políticas públicas têm sobre a situação de saúde e as condições de vida.

Em artigos mais recentes inicia-se uma nova preocupação que vai além dos conceitos de Promoção da Saúde ou da importância da Educação Dialógica para este tema. Começa-se a tratar do sujeito e de suas vontades, não que este assunto esteja desvinculado daquele, mas a análise acaba sendo feita de forma isolada e talvez mais profunda, como em artigo escrito por Fernandez (2012) quando ele traz um novo pensamento dentro da Promoção da Saúde citando Goffman que relata sobre o momento em que não se espera que o sujeito diga quem ele é de fato. Como consequência de tal fixação, sujeitos são reduzidos a uma de suas características ou estados, como ser o sedentário, o hipertenso ou o idoso, quando não, e de modo mais grave, essa redução enseja a produção de estigmas, isto é, a construção de identidades deterioradas

para o outro. Esta maneira de pensar cabe muito bem na Prevenção de Doenças e na Promoção da Saúde Comportamentalista, mas não serve para a Promoção da Saúde que não apresenta seu foco na doença.

Fernandez (2012) complementa, citando Comissão Nacional dos Determinantes Sociais da Saúde - CNDSS (2008); Zioni e Westphal (2007); Buss (2000) e Brasil (2006), que o que importa é que reteve esse referencial, que dirigiu o foco para o controle dos determinantes sociais, econômicos e políticos do processo saúde-doença, pôde conduzir a promoção da saúde para uma preocupação com as condições de emprego, renda, moradia, educação e segurança, entre outras. Condições que facilitam ou dificultam as pessoas e as comunidades, à obtenção de graus satisfatórios de saúde e bem-estar.

Gostaríamos de aqui pontuar que continuamos acreditando que a Promoção da Saúde a qual defendemos tem como norte um conceito de saúde positivo e uma interligação com a sociedade e sua forma de se organizar. Nela não cabem determinantes sociais, e sim um único determinante, que seria o capitalismo, que conseqüentemente determina todos os outros fatores e com certeza, qualquer intervenção que aconteça em qualquer um deles, interfere de modo crucial na saúde e bem – estar dos envolvidos. Assim sendo, a questão não seria nem de facilitar, nem de dificultar a obtenção de saúde pelas pessoas, e sim o de esclarecer que esta organização é fundamental na determinação social da doença.

As vontades dos sujeitos são sim importantes de serem levadas em conta, mas Marcuse afirma, como relata Peixoto (2011), que nesta sociedade existem controles além dos necessários para sua sobrevivência e a isso ele dá o nome de mais-repressão. Nos tempos atuais, segundo relato do sociólogo, sua manifestação se dá conforme ele mesmo denomina por princípio de desempenho, que significa que os indivíduos da sociedade são estratificados de acordo com seu desempenho econômico. A repressão neste caso, não vem apenas da necessidade ou escassez advindas das necessidades naturais, mas incluíram-se também as necessidades advindas das necessidades dos controles da natureza e também das necessidades surgidas dos controles sobre os homens, ambas assimiladas como necessidades naturais, portanto, não sendo passíveis de sofrerem modificações históricas. Queremos com isso dizer que a vontade vivenciada pelos indivíduos pode ter sido internalizada pelo sistema.

Mészáros (2008) vem salientar a importância estratégica da concepção mais ampla de educação, como expressa na frase: “a aprendizagem é a nossa própria vida”, portanto, necessitamos de atividades de contrainternalização, que sejam coerentes e sustentadas, e

não se esgotem na simples negação, mas que se apresentem como uma alternativa abrangente ao que já existe, isto se torna essencial no rompimento com a lógica do capital na área da educação.

Sendo assim, observamos o modo de se fazer Educação em Saúde, é determinante para que tipo de Promoção da Saúde se vai realizar, e que profissionais e cidadãos se vai formar. Para discutirmos mais sobre a sociedade que temos, o que podemos esperar desta sociedade e deste Estado, e assim aprofundar também os termos Empoderamento, Emancipação e Autonomia e o quanto a educação é importante para estas definições, seguiremos tratando desses assuntos no próximo capítulo.

5. ARTIGO - EMPODERAMENTO, EMANCIPAÇÃO E AUTONOMIA

...Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra...

Título: Empoderamento, emancipação e autonomia

Resumo

Na nossa sociedade capitalista algumas palavras nem sempre são usadas em seu verdadeiro sentido. Observa-se esse fato na saúde coletiva, uma vez que seus conceitos apresentam nuances significativas, podendo servir a várias ideologias, como acontece com Promoção da Saúde, conceito que vem sofrendo modificações, juntamente com o vocabulário usado para descrever seus princípios e objetivos. Estudos mostram que os termos empoderamento, emancipação e autonomia são empregados para descrever as ações de Promoção da Saúde. Neste artigo os diferentes significados são contextualizados e suas possíveis adequações, bem como os questionamentos e considerações levantadas apontam para um conceito de saúde ampliado. O estudo não encerra aqui a discussão, mas a fomenta para que se exercite um olhar mais crítico sobre as formas de legitimação do sistema capitalista.

Palavras – chaves: Promoção da Saúde, Empoderamento, Autonomia, Emancipação.

Title: Empowerment, emancipation and autonomy

Abstract

In our capitalist society some words are not always used in their true sense. Such fact is observed in collective health, since its concepts present meaningful nuances, within the possibility of serving many ideologies, as it happens in Health Promotion. Concept which has been suffering modifications, along with the vocabulary used to describe its beginning and aims. Studies show that the terms empowerment, emancipation and autonomy are employed to describe the actions of Health Promotion. In this paper the different meanings are contextualized and their adequacies, as well as the questionings and raised considerations, point towards an extended concept of health. The

study does not close the discussion here, but it foments the latter so that a more critical look is addressed to the forms of legitimation of the capitalist system.

Keywords: Health Promotion, Empowerment, Autonomy, Emancipation.

Este trabalho faz parte da dissertação cujo tema principal é promoção da saúde. Para iniciarmos esta pesquisa optamos como norte o conceito de saúde baseado na 8ª Conferência Nacional de Saúde, o que consequentemente nos leva a pensarmos em um significado mais amplo para a promoção da saúde. Leituras realizadas sobre o tema nos trouxeram termos utilizados exaustivamente nessa área sendo eles: empoderamento, autonomia e emancipação. Fazendo uso dos conceitos previamente definidos, fomos em busca dos sentidos para essas palavras.

O maior objetivo deste artigo é, portanto, buscar os diferentes sentidos atribuídos às palavras mencionadas, sem nos distanciarmos do nosso maior propósito que é a Saúde Coletiva. Para solidificarmos a discussão proposta, se faz necessário mencionar a sociedade e seu modo de produção, no nosso caso o capitalista, sendo preciso antes de tudo analisar a estrutura do estado capitalista neoliberal e sua sociedade globalizada e individualista. Claro que não temos a mínima pretensão de esgotar este assunto, se é que exista em algum momento, esta possibilidade.

Se entendermos que a sociedade tem obrigação de proteger a saúde de seus membros e admitirmos que as condições econômicas e sociais tenham um efeito importante sobre a saúde, então acabamos concluindo que o estado deveria prover um sistema de saúde público, universal, integral e equânime aos seus cidadãos, princípios regimentares do sistema de saúde brasileiro, porém essa filosofia tem ido de encontro ao ideário neoliberal do estado mínimo.

Evangelista (1997) nos faz refletir que por meio da teoria marxista é que se tornam compreensíveis os conjuntos de acontecimentos históricos que marcaram a sociedade burguesa. Podemos compreender a partir disso por que a Revolução Industrial e a expansão mundial do capitalismo foram acompanhadas por intensas lutas de classes. O próprio Marx (1998), em seu Manifesto Comunista, descreve que a história de todas as sociedades até nossos dias é a história da luta de classes, o que nos remete a pensar em sociedades fracionadas, onde ao final de suas lutas sempre se encontram vencedores e vencidos. Desse modo, para Evangelista (1997), as contradições

existentes em uma sociedade são, simultaneamente, um conflito de interesses e de valores. Conseqüentemente, toda luta de classe implica em uma luta que envolve universos valorativos e normativos diferentes e até antagônicos. E concluímos que o vencedor, nesse momento histórico, é a classe burguesa, que resume o mundo em um enorme mercado de negócios e as pessoas em potenciais clientes, ou apenas apêndices de máquinas. Algumas pessoas nem chegam a isso, como os chamados lumpemproletariados que, segundo Marx (1998), são indivíduos que estão totalmente excluídos do que chamamos de mercado, servem apenas como proletários marginalizados, desprovidos de trabalho regular e sem qualquer consciência de classe.

Em sua dissertação, ao falar sobre consciência de classe, Evangelista (1997, p. 81) cita Löwy que define consciência como não sendo [...]

[...] A ‘consciência psicológica’ dos operários individuais ou em conjunto, mas a consciência do sentido da situação de classe na história. É o movimento da história, tornando consciente pelo conhecimento de sua situação de classe. ‘A consciência de classe aparece como uma possibilidade objetiva, a expressão racional dos interesses históricos do proletariado.

Evangelista (1997, p. 87) traz uma citação de Lênin que foi citada por Frederico em que eles conceituam consciência de classe como sendo [...]

[...] A compreensão dos operários de que o único meio de melhorar a sua situação e de conseguir sua emancipação consiste na luta contra a classe dos capitalistas e industriais, que foram criados pelas grandes fábricas. Além disso, a consciência de classe dos operários implica na compreensão de que os interesses de todos os operários de um país são idênticos, solidários, que todos eles formam uma classe, diferentemente de todas as demais classes da sociedade. Por último, a consciência de classe dos operários significa que eles compreendam que para atingir seus objetivos necessitam conquistar influências nos assuntos políticos, como a conquistaram e continuam tratando de conquistar os latifundiários e os capitalistas.

Evangelista (1997) termina relatando que a consciência de classe do proletariado conduz, tendencialmente, a um entendimento de que a sua emancipação e a realização social da liberdade exigem a ruptura com o capitalismo e a sua lógica de reprodução social, e que tal empreitada depende de sua ação política como classe social.

Mas sempre é necessário lembrar, como comenta Iasi (2007), que em certos momentos a consciência assume uma dimensão que extrapola os limites do pensamento, partindo obrigatoriamente para o campo da prática, isto, nada mais é do que a vida cobrando uma postura para a qual não foram internalizadas estruturas prévias para a sua realização. Ao contrário, o indivíduo está estruturado para reagir contra a nova consciência, estando apto a assumir sua impotência diante das relações pré-determinadas, e assim o indivíduo consciente se torna um indivíduo em conflito. Na sociedade capitalista este indivíduo é isolado, como se ele não expressasse uma contradição, em contrapartida o indivíduo alienado recebe da mesma sociedade o rótulo de normal. Para o autor, a consciência seria gerada a partir das relações concretas entre os indivíduos, e destes com a natureza, além do processo pelo qual o indivíduo seja capaz de interiorizar as relações e formar uma representação mental dela.

Anderson, referido por Evangelista (1997), adiciona que as classes sociais constituem o centro das relações de oposição entre as forças sociais, despertando na maioria das vezes a solidariedade coletiva que implica em novas formas de organização social, principalmente em relação aos trabalhadores assalariados, que só conseguem obter visibilidade social referente à sua exploração e a sua submissão ao capital, quando encontram um 'adversário totalizado'. Esses trabalhadores, produtores da mais-valia são conseqüentemente, os mantenedores do capital e com seu trabalho tornam-se categoria (classe) central nas relações de produção burguesas. Nesse sentido, os autores citados concordam com Marx, quando este diz que somente a classe operária poderá realizar a transformação social.

Para Henry Lefebvre (2009), o estado democrático burguês se faz necessário logo que as classes se separam e se opõem, fazendo com que surja acima delas um poder que impeça que a classe dominante esmague a classe dominada, e assim faz o Estado parecer superior à sociedade, ainda que aparentemente emane dela. Mesmo quando nos dá a impressão de estar protegendo os oprimidos ou os explorados, ainda que de fato os proteja contra alguns excessos (para manter sua 'legitimação' perante o proletariado), o Estado conserva as condições necessárias para que haja a dominação de classe.

Marcuse (1982) observa que nas sociedades industriais avançadas, aparentemente, já não ocorre mais aquilo que Marx preconizava, ou seja, que o proletariado sem a perspectiva de emancipação no mundo burguês se torna a única esperança de transformação social. Nesse momento, para o autor, o que acontece é que o proletariado não experimenta a necessidade da transformação da sociedade capitalista, uma vez que por ela foi absorvido. Para ele, o capitalismo tardio mudou a estrutura e a função das classes sociais, e assim tirou do proletariado, o papel de agente histórico transformador da realidade. O sistema capitalista apresentou êxito ao integrar a classe operária à sua lógica, principalmente no que se refere às representações sindicais.

No capitalismo avançado, continua Marcuse (1982), os indivíduos se identificam com o tipo de existência que lhes é imposto tendo satisfação com a sua manutenção e o seu aprimoramento. Esse tipo de identificação não é uma ‘ilusão’ porque está longe de ser subjetiva, ela é real, objetiva, porém, não significa o ‘fim da ideologia’, pois a cultura industrial avançada é mais ideológica que sua predecessora: a sociedade liberal clássica. A unidimensionalização da realidade deriva do processo objetivo do aparato tecnológico e econômico capitalista.

Schumpeter, citado por Maranhão (2010), reforça que a dinâmica do desenvolvimento capitalista, de tempos em tempos, substitui as velhas formas de produção e organização da vida econômica por outras formas mais eficientes, porém o grande paradoxo do modelo capitalista é que o avanço produtivo antagoniza com a sobrevivência de uma parcela cada vez maior da humanidade e antagoniza também com as antigas promessas burguesas de desenvolvimento e progresso.

Do Relatório (2004) sobre o desenvolvimento humano das Nações Unidas, Mézáros (2008, p. 73) exemplifica dizendo, textualmente, que

O 1% mais rico do mundo auferia tanta renda quanto os 57% mais pobres. A proporção, no que se refere aos rendimentos, entre 20% mais ricos e os 20% mais pobres no mundo aumentou de 30 para 1 em 1960, para 60 para 1 em 1990 e para 74 para 1 em 1999, e estima-se que atinja os 100 para 1 em 2015. Em 1999-2000, 2,8 bilhões de pessoas viviam com menos de dois dólares por dia, 840 milhões estavam subnutridos, 2,4 bilhões não tinham acesso a nenhuma forma aprimorada de

serviço de saneamento, e uma em cada seis crianças em idade de freqüentar a escola primária não estava na escola. Estima-se que cerca de 50% da força de trabalho não agrícola esteja desempregada ou subempregada.

Corroborando com esse panorama, Boron, citado por Maranhão (2010), afirma que entre 1988 e 2002, os 25% mais pobres da população mundial reduziram sua participação no produto interno bruto mundial de 1,16% para 0,92%; enquanto os opulentos 10% mais ricos acrescentaram fortunas em seus bens pessoais passando a dispor de 64% para 71,1% da riqueza mundial.

Estudo recente, realizado pelo Instituto Federal de Tecnologia de Lausanne (2011), na Suíça, mostra uma rede entre 43.000 empresas. Destas, 1.318 transnacionais, na grande maioria bancos, fazem parte do núcleo da economia mundial e controlam 60% das vendas realizadas no mundo e aproximadamente 147 destas 1.318, ou seja, cerca de 1% controla 40% de toda a rede. A questão levantada pelos pesquisadores agora seria se todo esse poder econômico também exerce um poder político centralizado e intencional, considerando que empresas até podem competir entre si, mas agem em conjunto pelo bem da própria rede.

Em uma situação concretizada, pergunta-se, afinal, como reverter o quadro? A tarefa de renovar as promessas liberais, sem que para isso se façam mudanças radicais no capitalismo, coube ao ganhador do prêmio Nobel de Economia, o indiano Amartya Sen. Em uma leitura mais atenta de seus textos vê-se que só a economia de mercado pode oferecer ao mesmo tempo: crescimento econômico, melhoria no padrão de vida das pessoas e liberdade de ação e pensamento.

Dessa forma Maranhão (2010) relata que nos dias atuais, os discursos em torno das políticas de desenvolvimento econômico, associadas a diretrizes e conceitos como desenvolvimento local e sustentável, capital humano e social, empreendedorismo, crédito popular, acrescentamos a esse rol a palavra empoderamento, têm sido propagados por diversas organizações multilaterais como alternativas viáveis para a superação da pobreza e a inserção dos países periféricos no novo mundo globalizado do século XXI. Este discurso vem ocupando um papel de destaque no debate político e acadêmico em torno das alternativas para o combate à pobreza. O ideário neoliberal que apontava o mercado como único regulador da vida social perdeu força e seu discurso vem sendo gradativamente substituído pela

concepção do desenvolvimento econômico e social aliado ao combate à pobreza.

Na área da saúde coletiva/ pública vemos o uso corrente da palavra empoderamento, do inglês *empowerment* que, segundo o Dicionário Opus (1986), significa empossar, autorizar. Segundo Buss (2000a), significa o reforço da capacidade dos indivíduos e do coletivo assim como a evitação de riscos que, de acordo com Castiel, citado por Carvalho (2008), parece refletir a ótica das formações neoliberais, individualistas que geram grupos de indivíduos entregues a si próprios e à preocupação com o desempenho baseado em condições individuais. Observamos o quanto a palavra empoderamento tem estreita afinidade com as novas propostas liberais teorizadas por Sen, e o quanto isso se torna perigoso ao adotarmos essa ideologia às políticas públicas de desenvolvimento humano e saúde. O Nobel de economia de 1998 é muito claro ao oferecer as condições teóricas para a elaboração de políticas de desenvolvimento social que não questionem a concentração de renda, nem a troca desigual entre economias centrais e periféricas. Para ele, o foco agora está voltado para o empoderamento, baseando isso em estatísticas de desenvolvimento humano e exclusão social e dessa forma, organizam-se programas de transferência de renda, crédito popular, qualificação profissional, educação em saúde, promoção da saúde.

Leituras de artigos da área da saúde, esclarecem que para autores como Hammerschidt, (2010) a palavra empoderamento tem origem nos movimentos feministas e na ideologia da ação social presentes nas sociedades de primeiro mundo, a partir dos anos de 50. Nos anos de 70, o termo foi influenciado pelos movimentos sociais civis e pelos movimentos de autoajuda, nos anos de 80, pela psicologia comunitária, e nos anos de 90, pelos movimentos que buscam afirmar o direito de cidadania sobre distintas esferas sociais, dentre as quais as da saúde. Carvalho (2008) concorda com o histórico da palavra empoderamento utilizada no âmbito da saúde, e acrescenta ainda que Paulo Freire seja citado como o teórico inspirador de parte da literatura sobre empoderamento.

Carvalho (2008) ainda separa o ato de empoderar em duas categorias distintas que seriam: o empoderamento psicológico e o empoderamento social/ comunitário. Para ele o empoderamento psicológico significa possibilitar aos indivíduos um 'sentimento de maior controle sobre a própria vida'. Já o empoderamento social tem o objetivo de dar voz a grupos marginalizados. Espera-se que esses indivíduos empoderados consigam analisar e atuar sobre seus próprios

problemas através da aquisição de habilidades/capacidades para responder aos desafios da vida em sociedade. Hammerschidt (2010) reforça a teoria acima, ao afirmar que a palavra empoderamento tem assumido a significação que se refere ao desenvolvimento de potencialidades e ao aumento de informação e percepção, com o objetivo de que exista uma participação real e simbólica que possibilite a democracia. Significa o aumento do poder, da autonomia pessoal e coletiva de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão, discriminação e dominação social. Kleba (2009) considera o empoderamento como o desenvolvimento de competências e da capacidade de enfrentar situações difíceis e que ocorre nos espaços da micropolítica cotidiana e é fortalecido no espaço da política macro, à medida que as pessoas se apropriam de habilidades de participação democrática e do poder político de decisão.

Ainda segundo Hammerschidt (2010), o empoderamento se torna um processo que oferece possibilidade às pessoas de autodeterminar suas próprias vidas, efetivando sua inserção nos processos sociais e políticos, a partir de sua integração na comunidade e da articulação com outras organizações.

Desse modo Maranhão (2010) chama a atenção quando Amartya Sen reconhece que o crescimento econômico atual não tenha evoluído, mas acredita que só a economia de livre mercado tem a possibilidade de oferecer as oportunidades sociais para permitir a construção do que ele chama de desenvolvimento como liberdade. Afirma ainda que para resolver a vulnerabilidade social, é necessário um novo equilíbrio entre os governos, as organizações sociais e o funcionamento do mercado. Para Maranhão (2010), Amartya propõe uma nova forma de análise, não baseada na renda dos indivíduos ou em seu acesso a bens materiais, mas sim, no que ele chama de capacidades humanas básicas transformando as pessoas em empreendedores individuais e com possibilidades de autodeterminar a própria vida.

Para Sen (2000), só o livre mercado pode concretizar uma melhoria no padrão de vida, além de proporcionar liberdade aos indivíduos. Peixoto (2011) diz que Marcuse discorda desse discurso quando faz menção de que os recursos intelectuais e materiais para a repressão na sociedade de consumo são incomensuravelmente maiores do que nas etapas históricas anteriores, portanto o alcance da dominação da sociedade sobre o indivíduo é muito mais eficiente. A sociedade unidimensional se caracteriza por subjugar as forças sociais críticas ou de oposição não mais pelo terror, mas agora pelo sistema técnico-

científico. Nela tudo está perfeitamente uniformizado e padronizado segundo regras comuns. Tudo nela, sejam coisas ou homens, parece ser produto do conformismo social. Quando a sociedade se encontra nesta etapa, os direitos e as liberdades perdem sua razão de ser e se esvaziam de conteúdo. À medida que a sociedade se torna mais apta a satisfazer as necessidades individuais, a independência de pensamento e o direito à oposição política perdem sua função.

Maranhão (2010) ainda nos alerta, dizendo que para Sen, a concepção de desenvolvimento não está na desigualdade da distribuição de renda, mas sim na desigualdade da liberdade em acessar o mercado. Então se começa a fazer políticas públicas onde a ordem não é a redistribuição de renda entre as classes, mas sim a de oferecer oportunidades sociais, focalizadas para que agentes individuais possam conquistar uma melhor condição de vida. Para Sen (2000), o meio usado para combater a pobreza, é o de aumentar as capacidades individuais (*empoderar*), e assim, os agentes empreendedores podem desfrutar das facilidades do mercado ajudando a incluir os excluídos.

O reforço da crítica à teoria de Sen (2000) se faz quando ele reitera que a verdadeira política de combate às privações é aquela pela qual o indivíduo consiga a própria renda, combatendo as deficiências de capacidade, pois só esta liberdade permitirá que os agentes individuais possam escolher que tipo de mercadoria podem comprar e que tipo de vida querem ter, mesmo quando a escolha dependa também da garantia de oportunidades básicas e adequadas. Ele ainda defende que as políticas públicas não devam interferir no desenvolvimento de mercado, que sirvam apenas para aumentar a liberdade de oportunidades e capacidades individuais de escolha. Até mesmo em políticas públicas essenciais como saúde e educação, admite que devam ser gratuitas apenas para uma parcela da população, condenando os serviços públicos universais. Portanto, para ele, neste caso, se faz necessário saber o grau de beneficiários que necessitam realmente do serviço, e saber também o quanto a própria pessoa necessitada poderia pagar por esses serviços.

Quando Maranhão (2010) analisa os fundamentos das propostas de Sen, aponta que elas restringem a liberdade aos limites do mercado e o conceito de bem – estar, ao “estrito espaço das capacidades isoladas dos indivíduos”.

Para Lefebvre (2009), esse materialismo vulgar reduz o humano às necessidades elementares orgânicas (comer, beber, etc). Essa redução do complexo ao simples, do superior ao inferior conduz a uma concepção extremamente pobre do mundo e do homem. Temos que salientar que essa teoria, já há muito ultrapassada por todas as ciências

da natureza, mantém-se viva ainda em certas ciências humanas. Isso nos lembra o conceito da palavra empoderamento, e o conceito antigo do termo promoção da saúde, usado na área da saúde pública/coletiva, no sentido behaviorista, colocando as soluções de grande parte dos problemas de saúde na mão do homem, pois contempla apenas o seu lado biológico, não conseguindo se estender à complexa análise do homem em sociedade.

Carvalho (2008) ainda realiza uma crítica quando questiona que tipo de pessoas empoderadas queremos em nossa sociedade, se queremos pessoas aptas a reivindicar seus direitos ou empoderar para que essas pessoas apenas reproduzam os discursos dominantes e assim adquiram tecnologias e modos de viver inculcados pela classe dominante.

Nos perguntamos então, que direito de escolha têm os indivíduos, mesmo após serem empoderados? Encontram-se como sendo peças do capital e desta maneira mantêm involuntariamente o sistema. E por que são eles, os marginalizados, que precisam ser empoderados? No decorrer da pesquisa outras dúvidas surgem, como: Quem será empoderado e quem irá empoderar? Como e quando empoderar, e para que empoderar? Quem decide quem necessita ser empoderado, e se utilizando de quais critérios? Acreditamos que acima do termo empoderamento, que vem sendo tratado como a solução de todos os males, existe todo um jeito de organizar uma sociedade que determinará a medida de todas as relações. Por isso destacamos a importância de saber o que estamos fazendo, como profissionais de saúde, quando nos encontramos à frente de um sistema público de saúde. Como profissionais temos que questionar a que ideologia servimos, se somos construtores de um novo modo de vida ou se apenas fazemos a manutenção do velho sistema capitalista, mesmo que apareça com uma roupagem neoliberal. Daqui para frente abordaremos os outros modos de pensar e a diferença estrutural com o modo de pensar capitalista e toda a crítica feita a ele, e a importância de uma educação diferenciada para a realização da emancipação, bem como a importância de uma modificação profunda no Estado para a concretização da emancipação em todas as suas esferas, diferentemente do que vimos até agora.

De acordo com Netto (2012), a trajetória de Marx foi dedicada exclusivamente a subsidiar a ação revolucionária dos trabalhadores, cujo objetivo, a emancipação humana, supõe a ultrapassagem do capital. Alguns pensadores da época já defendiam o Estado laico e para eles, o ateísmo seria primordial para a emancipação política, mas Marx, segundo Netto (2012), se nega a converter situações ‘mundanas’ como a

emancipação política em querelas religiosas. Seu propósito é transformar as querelas religiosas em questões ‘mundanas’ centrando sua atenção no Estado que, mesmo sendo laico, como comunidade política é onde o homem se reconhece como um ser público, já que a vida prática acontece mesmo é na sociedade civil. Apesar disso, este homem age como indivíduo, pessoa privada, e age assim porque é movido pelo egoísmo, componente inevitável dessa vida social que foi fundada na propriedade privada e nas relações mediadas pelo dinheiro. Logo, só o Estado laico pode garantir a emancipação política, mas não pode assegurar a emancipação humana, e para poder proporcionar tal emancipação faz-se necessário colocar um fim na alienação e dessa forma certificar a liberdade real e concreta de todos os homens. Neste momento encontramos uma fratura entre o Estado político e a sociedade civil e entre a propriedade privada e as relações mediadas pelo dinheiro, e então temos o homem como ser público (o cidadão) e o homem como ser privado (o burguês).

Para Netto (2012), a decomposição do homem religioso e do cidadão não é nenhum sofisma contra a cidadania de Estado, não é nenhum torneamento, é a própria emancipação política, é o modo político de alguém se emancipar da religião, e o Estado que nasce violentamente da sociedade civil, em que a autolibertação humana se esforça por cumprir sob a forma de autolibertação política, pode e deve continuar suprimindo a religião até seu aniquilamento, já que, claro está, a emancipação política é um grande passo. Certamente não é o último estágio da emancipação humana, mas é a última forma de emancipação política que ocorre no interior da ordem mundial, até aqui. Dessa maneira, o autor nos mostra que a emancipação política relativa à religião, deixa-a subsistir ainda que não seja nenhuma religião privilegiada e assim a contradição em que o religioso se encontra em relação a sua cidadania é apenas uma parte da contradição mundana universal entre o Estado político e a sociedade civil, sendo por isso que a emancipação política não seja propriamente a emancipação humana.

Para a viabilidade da emancipação humana, Netto (2012) descreve que, inscrita na filosofia que exige, esta emancipação depende de um sujeito histórico para o qual é uma questão de vida ou morte. Ainda segundo Netto (2012), Marx identifica esse sujeito histórico como sendo o proletariado e sua tarefa como sendo a revolução. A emancipação humana é colocada como sendo dependente da revolução do proletariado, esta é a missão da classe operária que, ao realizá-la, suprime a existência da sociedade de classes. Evangelista (1997) complementa que a luta de classes atingiria seu auge quando estivesse

dirigida à conquista do Estado, suprimindo as relações de produção capitalista e a dominação da classe burguesa com a revolução socialista nesta teoria. Evangelista (1997, p. 48) relata a existência de outra teoria em que a revolução iniciar-se-ia do setor econômico para o setor político, mas ele faz menção de que

Não há uma relação causal fixa entre diferentes momentos de uma totalidade concreta, que está dialeticamente articulada e em movimento na história. Logo, não é lícito fatiar a realidade em ‘econômico’, ‘social’ ou ‘político’, porque ambos são momentos relativos da mesma realidade.

No século XX, Marcuse (1982) entra novamente na discussão, só que nesse novo contexto, o sociólogo acrescenta que a principal consequência da integração cultural e ideológica ocorrida na sociedade unidimensional é a dificuldade de elaborar a prática emancipatória. Para ele nessa sociedade a teoria e a prática revolucionárias estão apartadas, pois as condições de dominação tornam impossível uma transformação social, uma vez que a sociedade unidimensional dificulta a formação e a identificação do sujeito histórico ao qual, para Marx (1998), caberia o protagonismo na revolução. Seguindo este modelo de pensamento, a integração objetiva e subjetiva da massa trabalhadora ao sistema econômico – tecnológico vigente, dificulta o pensamento sobre as possíveis transformações sociais. Desse modo, nos países capitalistas mais desenvolvidos, esta classe não representa mais a negação deste sistema. As tendências totalitárias do sistema na sociedade unidimensional, vem tornando ineficazes toda e qualquer forma de manifestação e, conseqüentemente, enfraquecendo as organizações dos trabalhadores. Considerando esse panorama, Peixoto (2011) lembra que Marcuse questiona se a classe trabalhadora seria ainda responsável pela transformação social. Acredita que, segundo as ideias de Marcuse, mesmo questionando a capacidade da classe trabalhadora em fazer a revolução, ele se rende ao afirmar que o proletariado continua sendo a única classe a ter interesse na transformação social juntamente com os ‘excluídos’ que crescem à medida que o capitalismo avança globalmente.

Para revertermos esse quadro, segundo Sader (2008) é necessário investir em educação, mas não na educação burguesa capitalista que fornece os conhecimentos e o pessoal necessário à maquinaria produtiva em expansão do sistema capitalista, mas também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes. Meszáros

(2008) reforça essa ideia afirmando que para mudarmos o quadro capitalista neoliberal é preciso romper com a lógica do capital para podermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente.

Mészáros (2008), alerta, portanto, para o que seja em relação à ‘manutenção’, seja em relação à ‘mudança’ de uma dada concepção do mundo, a questão fundamental é a necessidade de modificar, de uma forma duradoura, o modo de internalização historicamente prevalecente. Romper a lógica do capital no âmbito da educação é absolutamente inconcebível sem isso, e nessa perspectiva, fica bastante claro que a educação formal não é a força ideológica primária que consolida o sistema do capital; tampouco é capaz de, por si só, fornecer uma alternativa emancipadora radical. O autor levanta um questionamento sobre o conhecimento como elemento necessário para transformar em realidade o ideal da emancipação humana. Netto (2012) lembra que para Marx, o conhecimento da sociedade demanda o conhecimento de como os homens organizam a produção material das condições da sua vida social. A crítica da economia política propicia o conhecimento dessa produção e, a partir dela pode se desenvolver adequadamente a investigação sobre as instituições sociais e políticas, o ethos e a cultura, que exigem tratos específicos.

De acordo com Marcuse (1982), a sociedade capitalista avançada é originalmente totalitária e isso se dá pelo modo de produção capitalista e pelo modo como as classes se utilizam da tecnologia para manipular as necessidades, ‘doutrinar’ os indivíduos e assim integrar as forças potenciais de oposição e administrar o todo da sociedade de acordo com seus interesses. Na concepção do sociólogo Herbert Marcuse (1982), o capital controla o Estado, os meios de comunicação, a educação e todos os aparatos ideológicos e instituições sociais. Desse modo o capital elimina o pensamento de oposição integrando os indivíduos no sistema capitalista de produção e de consumo.

Em continuação ao pensamento acima, Iasi (2007) destaca que para Marx, o fundamento da emancipação humana é a possibilidade dos seres humanos assumirem o controle da história de forma consciente e planejada, passando pela superação das mediações criadas por esses mesmos seres em sua ação sobre o mundo. Passa, portanto, pela superação da mercadoria, do capital e do Estado, mas não somente isso, já que esse indivíduo é ao mesmo tempo determinado pelas condições materiais que encontra como objetividade e que inclui não apenas as condições concretas existentes, mas também as relações sociais e de produção já constituídas pelos seres humanos das gerações anteriores.

Com isso carregam consigo os valores, ideias, formas jurídicas, políticas e institucionais das mais diversas que irão corresponder às relações existentes.

Prosseguindo a discussão, vemos em Freire (2008), que é importante ter sempre claro que faz parte do poder ideológico dominante, a inculcação nos dominados da responsabilidade por sua situação. Daí a culpa que sentem eles, em determinado momento de suas relações com o contexto e com as classes dominantes por se acharem nesta ou naquela situação desvantajosa. Para Freire (2008) merece consideração também, saber que não somos apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da Cultura, da Política, constatamos não para nos adaptarmos, mas para mudarmos, assim sendo ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra.

Freire (2008) dando seguimento a seu pensamento, relata que mulheres e homens são seres histórico-sociais, que se tornam capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper... E que por tudo isso se fazem seres éticos. Assumir-se, portanto, como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos. Assumir-se como sujeito não significa excluir o outro, e em consequência disso, o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Nestas condições a adaptação a situações negadoras da humanização só pode ser aceita como consequência da experiência dominadora, ou como exercício de resistência, como tática na luta política.

Agora, Mészáros (2008) defende que a educação como autoeducação orientada ao valor, inseparável do desenvolvimento contínuo da consciência socialista em sua reciprocidade dialética em relação as suas tarefas e desafios históricos os faz crescer tanto em suas forças produtivas quanto em sua humanidade e em sua autossatisfação criativa. Como sujeito autônomo obtém sentido da sua vida e dá sentido a sua vida, como indivíduo plenamente ciente de sua parte e de sua responsabilidade.

Continuando, Freire (2008) afirma que ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se construindo na experiência de várias e inúmeras decisões, que vão sendo tomadas, a autonomia não acontece de repente, o indivíduo vai amadurecendo, ou não. A autonomia enquanto amadurecimento do ser é processo, é vir a ser. Por conseguinte, não há realidade histórica que não seja humana.

Não há história sem homens, como não há uma história para os homens, mas uma história de homens que, feita por eles, também os faz.

Seguindo esse processo, Freire (2008) ressalta que não é ouvindo que são incapazes, que nada sabem, que são enfermos, indolentes, que não produzem, que se convencem de que são ‘incapazes’. Não é quando falam de si como os que não sabem, e dos doutores como os que têm o conhecimento e por isso devem escutá-los, que ocorre a autonomia. Para Freire (2008), o que parece indiscutível é que se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. É práxis que implica ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.

Dessa forma, não nos cabe sermos donos da verdade, mas ao término deste capítulo o que permanece é que no capitalismo monopolista, segundo Evangelista (1997), todos os espaços disponíveis ao indivíduo são invadidos pela organização capitalista da vida social, restringindo dramaticamente a sua autonomia e o seu poder de decisão. A manipulação, de acordo com Netto & Falcão, trazidos por Evangelista (1997), domina a circulação e o consumo e articula a indução comportamental que permeia a totalidade da existência dos indivíduos como seres particulares. Este processo não articula apenas os produtores diretos: penetra e conforma a totalidade das relações de produção social e das relações que viabilizam estas produções. Não é somente a classe operária que se encontra sob o salariamento, mas a grande e esmagadora maioria dos homens, a rígida divisão social do trabalho subordina todas as atividades, produtivas ou não, transcendendo esta barreira para controlar a vida inteira de quase todos os homens.

Em seu artigo, Peixoto (2011) relata que Marcuse reafirma a possibilidade histórica de uma nova sociedade na qual a falsa consciência unidimensional seria sucedida por uma consciência emancipada. Mesmo que a função da sociedade unidimensional seja produzir uma manipulação regressiva dos instintos com a finalidade de produzir consciências submissas, a possibilidade da libertação encontra-se na formação de consciências hostis a qualquer manipulação e que sejam capazes de estabelecer outro tipo de relação com a realidade.

Iasi (2007) nos traz que o ser isolado seria uma abstração, tal como a mão separada do corpo, portanto, a autonomia seria um tributo dos deuses que os seres humanos só conseguiriam imitar estando associados, daí a autonomia só poder ser alcançada entre os seres humanos dentro das sociedades políticas.

Consequentemente, observamos através do que foi levantado neste texto, que para atingirmos uma sociedade onde os indivíduos sejam autônomos e emancipados, torna-se necessário primeiro uma profunda mudança em todos os seus setores, como também, e por consequência, uma mudança valorativa dentro desta sociedade. Caso uma profunda transformação não ocorra, só podemos esperar indivíduos empoderados.

Mas, é possível visualizar caminhos que busquem a emancipação. No atual momento histórico para as práticas de Saúde Coletiva, além de reforçar a resistência contra o sistema capitalista torna-se necessário estimular atividades que busquem a emancipação e estas invariavelmente estarão ligadas a uma Saúde Coletiva progressista, que acredite em um conceito de saúde ampliado, onde a promoção da saúde seja construída conjuntamente com os indivíduos.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Sergio. Resende. As contradições da promoção à saúde em relação à produção de sujeitos e a mudança social. *Ciência e saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v.9, n.3, p.669-678, 2004.
- CASTIEL, L.D.; GUILAM, M.C.R.; FERREIRA, M.S. Correndo Risco: uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.
- EVANGELISTA, J. E. Crise do Marxismo e Irracionalismo Pós-Moderno. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- HAMMERSCHMIDT, Karina. S. A. *et al.* Tecnologia educacional inovadora para o empoderamento junto a idosos com diabete mellitus. *Texto e Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 358-65, Abr-Jun, 2010.
- IASI, M. L. Ensaio sobre consciência e emancipação. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- INSTITUTO FEDERAL DE TECNOLOGIA DE LAUSANNE. *The network of global corporate control*. Stefania Vitali, James B. Glattfelder, Stefano Battistonar acesso em: 19 Sep 2011. <<http://arxiv.org/abs/1107.5728>>
- KLEBA, Maria. E. *et al.* Empoderamento: Processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. *Saúde Sociedade*. São Paulo, v.18, n.4, p. 733-743, 2009.
- LEFEBVRE, H. Marxismo. Trad. William Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- MARANHÃO, C. H. Desenvolvimento social como liberdade de mercado: Amarthya Sen e a renovação das promessas liberais. In MOTA, A. E. (org.) *As ideologias da contrarreforma e o Serviço Social*. Recife, EDUFPE, 2010.
- MARCUSE, H. A Ideologia da Sociedade Comunista Industrial: o homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MARX, K. ENGELS, F. Manifesto Comunista. Trad. Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 1998.

MÉSZÁROS, I. A Educação Para Além do Capital. Trad. Isa Tavares. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

NETTO, J.P. Emancipação política e emancipação humana. In: O Leitor de Marx. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2012 pág. 7 – 71.

OPUS COMPACT DICTIONARY. 4ª ed. São Paulo: Opus, 1986.

PEIXOTO, Luiz. A. DA S. Marcuse: cultura, ideologia e emancipação no capitalismo tardio. Estudos e pesquisas psicologia, Rio de Janeiro, v. 11, n.01, p. 156-180, 2011.

SADER, E. Prefácio. In: MESZÁROS, I. A Educação Para Além do Capital. Trad. Isa Tavares. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

SEN, A. Desenvolvimento com liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

6. PERCURSO METODOLÓGICO

...Cio da terra, propícia estação
De fecundar o chão...

Como esta pesquisa científica contou com a participação de cidadãos, algumas questões éticas foram consideradas. Questões estas, como recomenda Diniz (2005) que se baseiam na teoria principialista da bioética que tem como princípios a autonomia, a beneficência, a não-maleficência e a justiça.

O princípio da autonomia significa que após o sujeito de pesquisa ser devidamente esclarecido sobre a natureza da mesma, tem o direito de decidir sobre sua participação, já que esta acontece de forma voluntária, isto é, ele faz parte da pesquisa sem que recaia sobre ele nenhum ônus ou bônus.

O princípio da beneficência no sentido de garantir que nenhum dano ocorra ao cidadão no decorrer da pesquisa, além de preservar sua identidade.

O princípio da não-maleficência afirma que se a pesquisa não trouxer nenhum benefício direto ao cidadão, não deve lhe trazer também nenhum malefício, nem colocá-lo em desvantagem ou em situações constrangedoras.

E finalmente, o princípio da justiça que assegura os direitos individuais dos participantes em relação às questões que envolvem a corrente pesquisa.

Estes princípios éticos estão presentes no Consentimento Livre em Esclarecido (anexo1) que necessariamente deve ser lido e compreendido pelos participantes e só então assinado, dando o consentimento de sua participação.

Dessa forma, acreditamos estar garantindo a ciência da pesquisa aos cidadãos participantes, o sigilo e a fidedignidade das informações colhidas, sem esquecer o direito de acessar à pesquisa em qualquer estágio em que ela se encontre por qualquer pessoa que tenha sido considerada nos resultados.

Ao final da pesquisa deixaremos no Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo - CEPAGRO, na Escola e na sede da Revolução dos Baldinhos, com uma pessoa eleita responsável, uma cópia da dissertação para ser acessada por qualquer um que tenha participado ou não da pesquisa, e, além disso, se for de interesse da comunidade, deixaremos aberta a opção de uma apresentação oral sobre a mesma.

A qualificação do projeto de pesquisa ocorreu no dia 13 de outubro de 2011 e sua aprovação no dia 28 de maio de 2012 sob parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP número 27942.

Os sujeitos de pesquisa surgiram através dos esclarecimentos obtidos por informantes-chaves, durante algumas conversas informais. Para a participação na pesquisa era necessário que, em algum período ou de alguma forma, o entrevistado participasse do grupo escolhido. A escolha do grupo foi baseada em alguns critérios, como: 1 – Ter surgido dentro da ESF; 2 – Não pertencer mais a ESF, sendo, portanto, autônomo em seu planejamento; 3 - Realizar atividades que extrapolam a visão biologicista da saúde.

Foram atribuídos nomes de árvores e flores aos sujeitos desta pesquisa para preservar sua privacidade e também por terem ligação com o trabalho realizado pelos mesmos.

Para chegar aos objetivos desta pesquisa, realizamos um estudo qualitativo do tipo descritivo exploratório que, para Olabuénaga (1989), é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e, mais concretamente (ainda que não exclusivamente) dos documentos escritos. A análise qualitativa de conteúdo, como qualquer outra análise qualitativa, acontece de forma cíclica e circular, e não de forma sequencial linear. Concluído um primeiro passo, passa-se ao seguinte para, com frequência, voltar novamente à primeira fase e reiniciá-la com uma informação mais rica e completa.

Então, de acordo com Olabuénaga (1989), as informações serão colhidas com uma ou mais técnicas (entrevista, grupo focal...), mas qualquer que seja a técnica, as falas foram áudio-gravadas, posteriormente transcritas, lidas atentamente para chegar ao conteúdo manifesto e ao conteúdo latente, categorizá-las e então analisá-las. A categorização é o feito de simplificar, reduzindo o número de informações a um número menor de classes ou categorias. Diferentes informações serão incluídas em uma mesma categoria no suposto de que, segundo um critério determinado, estes dados tenham algo em comum. Passada a fase de categorização, segundo Minayo citada, por Moretti-Pires (2010), inicia-se a busca de contradições e coerências, e desta forma o processo de análise estará baseado na hermenêutica dialética.

As entrevistas foram marcadas previamente, em local e horário marcados pelo entrevistado, com duração indefinida, até que o participante esgotasse o assunto. Perguntas foram feitas apenas com o intuito de aprofundar algum assunto tratado pelo entrevistado ou por dúvida do entrevistador. A entrevista, como técnica, deu-se de modo

livre, portanto foram entrevistas não-estruturadas. Cada entrevistado, a partir da sua história da vida e de sua história dentro do grupo, pôde expor suas ideias sobre os temas abordados e, dependendo de quando e como os temas surgiram, sobre a importância dos mesmos. O que pretendíamos investigar com este estudo, e de acordo com os ensinamentos de Paulo Freire (2008), não era o homem em si, mas os seus pensamentos sobre a realidade, a sua visão do mundo no qual se encontra envolvido. Dessa forma, não foi possível elaborar roteiros de pesquisa do universo temático a partir de pontos prefixados pelos investigadores, que acabaram se julgando como sujeitos exclusivos da investigação. Assim, os questionamentos feitos durante as entrevistas serviram apenas para dirimir as dúvidas do entrevistador.

Essa investigação aconteceu, ainda de acordo com Paulo Freire (2008, p. 116), porque os investigadores acreditaram que “tão mais pedagógica quanto mais crítica e tão mais crítica quanto, deixando de perder-se nos esquemas estreitos das visões parciais da realidade, das visões ‘focalistas’ da realidade, se fixe na compreensão da totalidade.”

Para a realização deste projeto, fez-se necessário o acompanhamento de um grupo que praticasse Promoção da Saúde. Escolhemos o conceito de Promoção da Saúde que Carvalho (2004) entende como aquele realizado por um grupo que consegue ampliar o conceito de saúde para além dos parâmetros tradicionais da saúde pública e da prevenção da doença. Assim sendo, para que o grupo seja de promoção da saúde, é preciso abordar os campos disciplinares da sociologia, da psicologia, da ciência política, da economia, da epidemiologia e da ecologia, introduzindo novas idéias, linguagens e conceitos sobre a saúde e sobre a maneira de produzi-la.

O percurso metodológico foi escolhido, porque seus pesquisadores consideraram que todos os acontecimentos que rodeiam a pesquisa propriamente dita sejam de uma riqueza ímpar. Desta forma, começo o relato da minha participação. Por ser nutricionista de formação, atuei em um grupo de hipertensos e diabéticos em meu bairro onde, após ser apresentada aos componentes do grupo, o médico responsável me deixou livre para começar a conversa. Uma senhora se antecipa e me diz: “- Vou falar para você, porque você não é médica, é nutricionista, eu não faço nada do que o doutor manda.” Isso me fez questionar sobre a relação pedagógica entre profissionais de saúde e seus pacientes, e também sobre os métodos que são utilizados para passar nossos conhecimentos aos pacientes e assim capacitá-los à tomada de decisões. Refleti também que se daquele modo não se chegava aos seus objetivos, qual modo seria, então, o ‘certo’.

Este acontecimento me fez voltar aos bancos da universidade onde primeiramente cursei a Especialização de Saúde da Família, na Universidade Federal de Santa Catarina, local onde conheci meu atual orientador que, após uma aula fez um convite à turma para participar como alunos especiais da disciplina de Educação em Saúde. Fiz esta disciplina e escrevi o primeiro esboço do que seria meu projeto de mestrado.

A partir disso, o próximo passo foi qualificar o projeto e depois sair à procura de um grupo que realizasse Promoção da Saúde do jeito como acreditávamos. Em um primeiro momento, pensamos em realizar este projeto com três grupos que nasceram dentro da ESF da Prefeitura de Florianópolis, para fazer um paralelo entre eles. Em contato com os ‘coordenadores’ fomos informados que um desses grupos pré-escolhidos já não existia mais, e os outros dois que restaram – um deles a Revolução dos Baldinhos, e outro um grupo de biodança - tinham diferença tamanha, que não conseguiríamos realizar nenhum paralelo entre eles. Fiquei sabendo sobre a Revolução dos Baldinhos assistindo a uma reportagem de um programa local de televisão. Meu interesse por conhecer essas pessoas foi imediato, levando-me a pesquisar mais sobre o grupo até chegar à CEPAGRO. Fiz um primeiro contato para acertar parcialmente a pesquisa, depois acompanhei à distância, o grupo durante muitos meses e isso foi decisivo. Optamos por pesquisar apenas a Revolução dos Baldinhos para entender melhor o trabalho realizado por essa comunidade que, por trazer uma riqueza tão grande, enquadrou-se em todas as especificações anteriormente previstas.

Por causa do desaparecimento de aproximadamente 60 toneladas de adubo, fui convidada pela CEPAGRO para uma reunião na Secretaria do Continente, onde fiz o primeiro contato com as organizadoras/coordenadoras. Ali ficaram acertados alguns pontos, como: permanência deles no local por mais tempo com direito à prorrogação, até que pudessem mudar para o local antes disponibilizado. Outra medida tomada pelo grupo foi a de ir até uma delegacia e registrar um boletim de ocorrência sobre o desaparecimento do adubo.

Após esse dia, realizei a entrevista com o médico que estava trabalhando na Unidade Básica de Saúde na época em que aconteceu o incidente que foi o estopim que gerou a união dessas pessoas em prol de um objetivo, que talvez nem venha a ser resolvido, mas que realizou uma enorme transformação na comunidade.

Depois disso, o agrônomo da CEPAGRO me levou até à comunidade Chico Mendes para conhecer de perto a Revolução dos

Baldinhos, sua estrutura e, enfim, poder conversar e entrevistar as três mulheres que fazem parte da coordenação deste grupo.

Quando comecei a andar pela comunidade na ocasião desta pesquisa, lembrei da primeira vez que estive ali no ano de 1997, se não me falha a memória. Ainda como aluna da graduação em Nutrição, pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, fui para realizar a avaliação nutricional das crianças em idade pré-escolar daquela comunidade. E agora, em 2012, os motivos que estavam me levando novamente até lá, não eram os de levar algum conhecimento ou técnica a ser ensinada, mas sim os de aprender como as pessoas que moram lá conseguiram realizar o trabalho de diminuir a infestação de ratos e de transformar a comunidade. As mudanças na comunidade depois de tantos anos são visíveis e agora a percebo muito mais colorida.

Durante a entrevista, as coordenadoras citaram pessoas da comunidade que foram de alguma forma importantes para que a revolução acontecesse, pessoas que fazem parte do sistema educacional municipal e estadual, além de outras que se beneficiaram de forma muito intensa com a Revolução dos Baldinhos.

O primeiro a ser entrevistado foi um profissional da saúde da Prefeitura Municipal de Florianópolis, depois as mulheres responsáveis pela Revolução, em seguida as funcionárias da rede de ensino estadual e municipal que colaboraram com o início da formação do grupo e por último o responsável pela CEPAGRO que atua na comunidade desde muito antes do grupo se formar.

E assim formou-se a amostra da pesquisa, que seria inicialmente composta de 8 sujeitos, porém, com um deles não foi possível realizar a entrevista, mesmo após várias e seguidas tentativas e mesmo depois de explicar nossa conduta ética, já citada neste trabalho no início deste capítulo. Talvez houvesse assuntos delicados envolvidos e, inevitavelmente, seriam abordados na entrevista, o que poderia deixar o entrevistado com problemas de razões éticas dentro da comunidade. Optamos também por não entrevistar as famílias que participam do projeto Revolução dos Baldinhos, e objetivar apenas as falas das pessoas que de alguma forma ajudaram a criar este grupo. As entrevistas com as famílias ficarão para outra etapa ou outra pesquisa.

Já de posse dos dados, chegou a hora de ordená-los. Foram dispostos em cinco categorias, sendo que três foram separadas em subcategorias, para melhor analisar as contradições. Sendo elas: 1ª CATEGORIA: *“Promovo saúde, a doença eu não vou eliminar nunca.”* Que ficou dividida em Subcategoria: PROMOÇÃO *“Ele Promove saúde integral, do corpo, da alma...”* e Subcategoria: SAÚDE *“Saúde é*

viver bem, comer bem, se sentir bem...”; 2ª CATEGORIA: “Nenhum ponto de partida ele começa onde parece que começa.” dividida em Subcategoria: EVENTO DESENCADEADOR: “Estava tendo muito rato lá na área dele.” e Subcategoria: POR QUE ACONTECEU LÁ? “Então eu acho que foi pela comunidade, pela cumplicidade... pelo apoio realmente da comunidade.”; 3ª CATEGORIA: “A força dentro da comunidade é muito grande quando a gente sabe se expressar.” dividida em Subcategoria: REVOLUÇÃO – PROCESSO – CULTURA: “Eu acredito que eu revoluciono... que eu faço a revolução mesmo.” e Subcategoria: EMANCIPAÇÃO/AUTONOMIA - BENEFÍCIO INDIVIDUAL: “Sim parece que a gente se torna mais consciente.”; 4ª CATEGORIA: INSTITUCIONALIZAÇÃO E PODER PÚBLICO “Agora que estão ajudando com algumas coisinhas.”; 5ª CATEGORIA: INTELECTUAL ORGÂNICO – EDUCAÇÃO – INTERDISCIPLINARIDADE: “Não só com sua carga profissional de engenheiro, médico, pedagogo e tal... mas como pessoas que, assim, estavam claras de construir um processo comunitário, sabe?”

7. A REVOLUÇÃO DOS BALDINHOS

Debulhar o trigo
Recolher cada bago do trigo...

Em 2000 começou a se formar a conjuntura para que anos mais tarde fosse iniciada uma revolução. Na época Ipê, foi contemplado com uma bolsa para coordenar um grupo de jovens na comunidade Chico Mendes. O grupo criou, com pedacinhos de azulejos, mosaicos que se transformaram em murais, alguns ainda podem ser vistos. Depois de três anos, o projeto acabou, mas de certa forma a participação do universitário se faz presente na comunidade.

Alguns anos depois, em 2004, Ipê, agora como bolsista da ONG CEPAGRO, propôs que se trabalhasse agricultura urbana, com hortas escolares, hortas comunitárias. Um projeto piloto iniciou-se no sul da ilha, nas areias do Campeche, passando então a ser um projeto institucional da CEPAGRO. O projeto para trabalhar com agricultura urbana e rural agroecológica foi aprovado e ganhou proporções maiores, indo agora para quatro comunidades urbanas do litoral catarinense. Uma das propostas do aluno era que uma dessas comunidades contempladas fosse a de Chico Mendes, por já ter feito um trabalho lá e ter conhecimento do lugar.

Ele então volta à comunidade, apresenta o projeto na rede de entidades articuladas do Bairro Monte Cristo, que ficou algum tempo sem atuar, e hoje está retomando os trabalhos. As mulheres da Revolução dos Baldinhos participam desta rede de entidades articuladas. A Casa Chico Mendes se interessou pelo projeto, principalmente seu grupo de trabalho Tecendo Vidas, formado por mulheres da comunidade. Estes se encontravam periodicamente e, iniciaram fazendo visitas nas casas para observar quem tinha espaço para plantar, quem já tinha uma horta ou quem já vinha fazendo compostagem do seu resíduo orgânico. Estes acontecimentos, no ano de 2006, começaram a se ampliar. Nos meses de abril e maio do mesmo ano, a responsável pela Escola Estadual do bairro se interessa em fazer uma horta escolar, o grupo então inicia mais este trabalho. A Creche que se localiza próximo à escola também vinha fazendo um trabalho de horta escolar. Nasceu assim um trabalho meio articulado entre o grupo Tecendo Vidas, a Escola, a Creche e a CEPAGRO. Paralelo a esses acontecimentos houve também outro grupo que era a Frente Temporária de Trabalho, que vinha de um projeto maior: o Habitar Brasil, que tinha o intuito de urbanizar as comunidades. A Frente Temporária de Trabalho era

formada por moradores das comunidades contratados por três meses para fazer a limpeza da rua e plantio de árvores.

Houve então a necessidade de organizar o trabalho. Em vista disso, começaram a se reunir todas às sextas-feiras na Escola Estadual e deram início à compostagem. Recolhiam os resíduos da Escola, da Creche e da Casa Chico Mendes e para que tivesse um volume maior, eram levados para um lugar comum: a Escola. As famílias começaram a plantar e a colher, umas ali mesmo no pátio da escola. Duas mulheres do último grupo, o da Frente Temporária de Trabalho, se identificaram com o trabalho de hortas comunitárias. E já nesse período se ouvia falar da grande infestação de ratos que estava havendo na comunidade.

Coqueiro resolve então fazer uma reunião para falar sobre as maneiras de diminuir o número de ratos e o ciclo de vida deles. Para esta reunião Coqueiro chama a Frente Temporária de Trabalho, a Creche, a Escola, as ONGs da região e a CEPAGRO. E dessa reunião saiu a necessidade da comunidade tomar uma atitude em relação ao problema. Surgiu a ideia de ter um local adequado para fazer a compostagem do lixo orgânico da comunidade e não só da Escola, da Creche e da Casa Chico Mendes como estava sendo feito. A CEPAGRO se propôs a ajudar na coordenação do trabalho e as mulheres da Frente Temporária de Trabalho se prontificaram ir às casas para fazer a conscientização, já que a Escola cederia o pátio. Esses acontecimentos ocorreram por volta de outubro, novembro de 2008. Neste período um projeto foi levado à ELETROSUL Centrais Elétricas S.A. para que o grupo pudesse trabalhar com hortas escolares na comunidade e a ELETROSUL Centrais Elétricas S.A. ao saber da infestação, aceita a proposta de mudança do plano de trabalho e concede uma bolsa para as mulheres da Frente Temporária de Trabalho para que elas conscientizassem os moradores da comunidade sobre o problema dos ratos.

Vale ressaltar que Coqueiro já tinha experiência com compostagem, pois no bairro onde morava, em Florianópolis, desde 2006 já se fazia um projeto de compostagem chamado Família Casca, onde o próprio Coqueiro esclarece que não inventou nada, apenas juntou os assuntos, assim que apareceu a demanda trazida por um Agente Comunitário de Saúde - ACS, ele viu uma oportunidade de realizar um bom trabalho de saúde coletiva naquele local.

No período de novembro de 2008 a fevereiro de 2009, as pessoas realizaram reuniões quinzenais para definir como seria a abordagem das famílias e como acondicionariam o resíduo orgânico. Então Coqueiro dá a idéia de acondicionar em baldinhos com tampa para que as famílias levassem até a escola. Surge a necessidade de se ter um Ponto de

Entrega Voluntária - PEV, com bombonas. Inicialmente as pessoas que se responsabilizavam pelos PEVs tinham que assinar um termo de compromisso em relação às bombonas e hoje em dia elas ficam nas ruas sem problema algum. Em fevereiro de 2009 inicia-se a compostagem da Revolução dos Baldinhos com cinco baldinhos. Vários moradores se identificaram com a proposta e começaram a colaborar, passando a ter na comunidade 48 bombonas para o recolhimento dos resíduos.

O grupo que queria fazer agricultura urbana, nunca tinha pensado antes em gestão de resíduos, sempre que precisava de adubo, ia buscar em outros locais que faziam compostagem. Aos poucos entendeu que para fazer agricultura urbana é preciso antes fazer a compostagem, para que o processo seja bem sucedido. E foi dessa maneira que a Revolução dos Baldinhos começou a ficar conhecida.

Um fator de grande importância é que todo o processo foi construído junto com a comunidade. Este projeto poderia ser aplicado a outras comunidades. Mas vale a pena frisar, mais uma vez, que a Revolução dos Baldinhos só deu certo porque a comunidade teve uma participação ativa nele, e esta concordância se observa em todas as falas trazidas durante as entrevistas, como por exemplo: Violeta: - *“A gente sempre diz que é importante serem pessoas que são da comunidade para estar participando, que se você conhece o seu vizinho é muito mais fácil de dialogar com ele”*. Outra coisa importante, e que apareceu em várias entrevistas, é que para elas é essencial gostar do que estão fazendo para poder continuar em frente. Uma das coisas importantes que fez com que a Revolução dos Baldinhos desse certo, segundo Coqueiro, foi que a comunidade como um todo e as instituições locais abraçaram esta idéia. E também o trabalho educativo realizado pelas mulheres, já que elas têm a linguagem de lá e sabem a hora de chegar e conversar com as famílias. Coqueiro também lembra que a história de vida dos participantes deve ser levada em conta na hora de explicar os motivos pelos quais este projeto deu certo. A persistência das coordenadoras e a recompensa de receber em casa um adubo para que as famílias pudessem plantar foram também itens importantes para o sucesso do grupo.

E a comunidade precisa exercer poder de decisão. Não podemos agora afirmar, mas é bastante provável que se o poder público gerisse esse modelo, se entrasse nas casas e, de forma vertical, passasse esse conhecimento, dificilmente o projeto seria adotado pela comunidade da forma como tem sido. A própria forma interpessoal de se relacionar modificou na comunidade, tanto entre os moradores, quanto com as pessoas de fora que vão lá para conhecer a comunidade e o projeto,

como a visita de 60 nutricionistas que, segundo Violeta, seria impossível ocorrer há 10 anos. Outra observação de Coqueiro é que agora essas mulheres têm uma profissão, se sentem com uma maior autoestima. O que ajuda também, segundo ele, é que a CEPAGRO incentiva Azaléia, Hortênsia e Violeta a se apresentarem enquanto Revolução dos Baldinhos em todos os lugares onde são chamadas. Um apontamento que apareceu foi o da importância de incentivar o plantio de alimentos para que não fosse necessário buscá-los em outros lugares. Isso mostra uma consciência sobre a importância da agricultura urbana e dos agricultores familiares.

Outro item importante para que se consiga sucesso num projeto, além de pessoas da comunidade sensibilizadas e interessadas para que tudo dê certo, é ter profissionais, que fazem parte da articulação, sensibilizados e cientes de que o projeto não é deles, e isso também aconteceu, pois as representações fora da comunidade não foram feitas pelos profissionais. Foram feitas por Azaléia, Hortênsia e Violeta moradoras da comunidade. Essa postura horizontal dos profissionais envolvidos foi fundamental para que o sucesso fosse completo, já que todos os problemas que apareciam eram, e são, tratados e decididos conjuntamente. Outra observação feita com o passar do tempo pela comunidade foi que não diminuíram só os ratos (que agora não é mais o foco principal deste grupo, devido a proporção que ele tomou), as moscas também diminuíram. Também se deve lembrar a parceria com o grupo que realiza o recolhimento do resíduo seco, o que fez diminuir os mosquitos, já que os potinhos estavam sendo recolhidos ou utilizados como local de plantação. Mas não foi só isso que mudou nesta comunidade. Este projeto teve importância inclusive no resgate de adolescentes do tráfico de drogas e garotos que já estavam envolvidos foram conduzidos pela Revolução dos Baldinhos à outra realidade. Outro resgate importante foi da própria comunidade de origem rural que foi morar em área urbana, poder voltar a plantar, ou seja, reviver suas origens.

Em relação à resistência, Coqueiro não notou nenhuma mais dura, a não ser a já esperada de ter que separar o lixo e de que isso daria mais trabalho. Mas o grupo foi quebrando essa resistência quando organizava reuniões para que a comunidade conhecesse o projeto e levava a comunidade até o terreno para que realizassem atividades ligadas à compostagem. E essas reuniões não tinham apenas o objetivo de apresentar um balanço da revolução, mas também o de integrar os moradores. Mesmo de acordo com o relato das mulheres que coordenam o grupo, sobre incompreensões por parte de algumas pessoas da

comunidade, quando estas viram o alcance que a Revolução dos Baldinhos poderia ter, declararam-se dispostas a colaborar com o grupo e a participar das atividades. Nem mesmo a apropriação indébita das 60 toneladas de adubo levadas por uma empresa contratada pela Companhia de Habitação - COHAB abateu o grupo, ou a comunidade. Essas 60 toneladas foram retiradas em uma manhã de sábado quando Azaléia, Hortênsia e Violeta voltavam do evento Rio + 20, onde foram representar a comunidade. O adubo foi retirado, segundo elas, porque a comunidade não tinha um documento que comprovasse a posse do material e por estar utilizando um terreno da COHAB. A responsável pela COHAB disse não saber da existência do projeto neste terreno, argumento que foi facilmente derrubado em uma entrevista, na qual a representante da COHAB citou a Revolução dos Baldinhos. Outra dificuldade lembrada foi as inúmeras vezes que essas mulheres ficaram sem receber e muitas delas eram a única fonte de sustento da família no período entre um patrocínio e outro.

Na verdade elas montaram uma rede que, segundo Coqueiro, faz um movimento na comunidade no sentido de saber quem está precisando de algum item e quem tem este item para doar e elas mesmas encaminham as doações às famílias que precisam. Para ele não foi pontual o surgimento dessa revolução, foi um processo de um coletivo sensibilizado onde o protagonismo não foi de um só ator.

A forma de se reinventarem nos chama atenção quando Violeta relata que elas aprenderam cerâmica para construir vasos e assim a família já sairia do galpão com o vaso feito por eles, com o adubo e a muda da planta, uma forma de incentivar a plantar. Ela continua o relato dizendo que a revolução é muito mais que o simples recolher de resíduos orgânicos. É ter o contato com as crianças e a cobrança das próprias famílias. Com a possibilidade de fazer uma parceria com a Associação de Recicladores Esperança - ARESP por acharem que os moradores ainda não têm a consciência sobre seu lixo seco (papel, metal, plástico...), elas propuseram que alguém da ARESP acompanhasse às visitas domiciliares para falar e conscientizar as famílias sobre esta outra reciclagem.

O sonho é outro acontecimento percebido na realidade das pessoas ligadas à Revolução dos Baldinhos como se pode notar na vontade que elas têm de dar o próximo passo que será o de se institucionalizar como pessoa jurídica, enquanto grupo, para que possam comercializar o adubo produzido. Existem vários caminhos que se pode percorrer em relação a isso, mas é preciso que se reflita muito bem sobre essa transição e com quem valerá a pena firmar parcerias. Vimos

também os sonhos individuais se tornarem mais palpáveis como a volta de Azaléia, Hortênsia e Violeta aos bancos escolares. Cada uma delas quer seguir um caminho, sem deixar de lado a revolução.

É de entendimento do grupo que uma parceria com o poder público ajudaria e muito a aumentar o alcance dessa revolução. Eles acreditam que o dinheiro que a Companhia de Melhoramentos da Capital - COMCAP economiza por tonelada de lixo não depositada no lixão, deveria ser entregue a essas mulheres para que elas consigam gerar renda para suas famílias e possam comprar maquinário que as auxiliem no trabalho bastante pesado que realizam. Ajudaria também na compra de material de proteção, já que no máximo em 6 meses pode-se produzir adubo de qualidade e assim incentivar as famílias a plantar. E que o poder público deveria se responsabilizar por toda infraestrutura do terreno e da coleta do resíduo e o dinheiro da venda do composto ficaria para a associação ou cooperativa. Na visão de uma das entrevistadas o papel do poder público seria o de assessorar o grupo, para que o processo não se interrompa. Temos alguns questionamentos sobre o papel do poder público que serão trabalhados na sequência. Apesar de ainda querer o reconhecimento do poder público pelo importante trabalho que exerce dentro da comunidade, Hortênsia diz não esperar mais nenhuma ajuda vinda dele. Ela lembra que foram vários os prêmios trazidos pelo grupo à comunidade. O poder público volta à tona como uma ajuda que não se concretizou, pois inúmeros pedidos foram feitos, sem sucesso.

Segundo os integrantes do grupo, o nome revolução foi dado por ser um nome forte, por lembrar a Revolução Farroupilha, por poderem levar a revolução em todos os lugares, mostrando-se conscientes de que uma revolução é um processo, que é preciso ser construído todos os dias, que não adianta nada você saber o que tem que ser feito e não fazer.

Os dados que constam neste texto foram integralmente retirados das entrevistas realizadas e do diário de campo.

8. CATEGORIAS DE ANÁLISE

...Forjar no trigo o milagre do pão
E se fartar de pão...

O estudo do projeto A Revolução dos Baldinhos foi dividido em categorias e subcategorias, como explicado anteriormente. Além de facilitar a realização da análise em diferentes aspectos e desdobramentos, permite confrontar os pressupostos teóricos com o processo da revolução, bem como com seus resultados e possíveis encaminhamentos. Ajuda também a perceber se há ou não coerência entre as atividades de Promoção da Saúde desenvolvidas e o conceito de saúde apreendido pelos participantes do grupo relatado nas entrevistas.

1ª CATEGORIA: “Promovo saúde, a doença eu não vou eliminar nunca.”

A fim de delimitar o tema que será tratado, abordaremos o modelo da história natural da doença, desenvolvido por Leavell e Clark que, segundo Nadanovsky (2008), aconteceu por volta da metade do século XX e que ainda serve de referência, mesmo que com restrições, para auxiliar na compreensão dos conceitos de saúde e doença.

Observamos que os autores consideram os indivíduos saudáveis sempre em um estágio de pré-patogenese, não considerando a saúde como um estado de bem-estar global e subjetivo, inerente à experiência de vida de cada indivíduo. Escorel (1998) relata que os conceitos básicos do discurso preventivista são a história natural da doença, o conceito ecológico de saúde e doença e a multicausalidade. Nos três o social é mitificado, reduzido ou simplificado de forma a surgir como meio ambiente onde existam agentes causais e não como uma sociedade que determina os estados de saúde e doença de seus indivíduos.

Mas antes de qualquer outra ação, Buss (2000b), nos convence da necessidade de aprofundar os conceitos de promoção da saúde e no que estas diferenças modificam a prática no serviço de saúde brasileiro e indica que as diferentes concepções de promoção da saúde podem estar divididas em dois grandes grupos. O primeiro consiste nas atividades dirigidas à transformação dos comportamentos dos indivíduos, focalizando seus estilos de vida, localizando-os no seio das famílias e, no máximo, no ambiente das “culturas”, comunidades em que se encontram. Os programas ou atividades de promoção da saúde tendem a se concentrar em componentes educativos, primariamente relacionados

com hábitos de comportamento modificáveis que se encontrariam, pelo menos em parte, sob o controle dos próprios indivíduos. Por exemplo: o hábito de fumar, a dieta, as atividades físicas, a condução perigosa no trânsito, etc. A partir desta abordagem, ficariam de fora do âmbito da promoção da saúde todos os fatores que estivessem fora do controle dos indivíduos.

O outro modo de tratar surge em 1942, muito antes dessas teorias sobre Promoção à Saúde, Henry Sigerist escreveu que saúde se promove proporcionando condições de vida decente, boas condições de trabalho, de educação, cultura física e formas de distração e descanso como afirma Brasil (2006). A saúde deve ser vista como um recurso para vida, e não como objetivo de viver. Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim, a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai além de um estilo de vida saudável, mas caminha na direção de um bem-estar global. Este conceito é reforçado e ampliado por Escorel (1998, p. 64) quando diz:

Por uma saúde autenticamente democrática, quatro grandes reconhecimentos: de que a saúde é um direito universal e inalienável do homem; de que são as condições de caráter socioeconômico as que viabilizam a preservação da saúde; de que as ações médicas detêm responsabilidade parcial, porém intransferível na promoção da saúde; e, que diante do caráter social desse direito cabe à coletividade e ao Estado a sua efetiva implementação.

Desta maneira saúde para nós significa:

Em seu sentido mais abrangente, a saúde é resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse de terra e acesso a serviços de saúde. É assim, antes de tudo o resultado das formas de organização social da produção, os quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida,.... A saúde não é um conceito abstrato. Define-se no contexto histórico de determinada sociedade e num dado momento de seu desenvolvimento, devendo ser conquistado

pela população em suas lutas cotidianas.
(BRASIL, apud Da Ros, 1986, p. 58)

Subcategoria: PROMOÇÃO “*Ele Promove saúde integral, do corpo, da alma...*”

Nesta categoria buscamos demonstrar as teorias de prevenção de doença e de promoção da saúde, de acordo com o olhar dos entrevistados. A Revolução dos Baldinhos nasce da necessidade de se controlar uma infestação de ratos na comunidade Chico Mendes, portanto essencialmente preventivista, behaviorista. Tinha como primeiro objetivo mudar o comportamento das pessoas em relação ao seu resíduo orgânico, propondo o recolhimento deste para a compostagem orgânica e conseqüentemente retirar a comida dos ratos e assim iniciar a diminuição da população dos mesmos. Com o passar do tempo ganhou dimensões muito maiores do que apenas controlar a infestação, como os próprios entrevistados citaram: resgate de jovens envolvidos na droga, a consciência da impossibilidade de se eliminar a doença ou de dar importância para a saúde integral do indivíduo, do corpo e da alma.

Caponi (2003, p. 71), quando cita Liss (2001), mostra a diferença estrutural entre promoção da saúde e prevenção de doença da seguinte maneira:

Assim, enquanto a promoção da saúde reúne o conjunto de atividades realizadas com o propósito de melhorar um estado de saúde positivo – cuidado ambiental, por exemplo –, a prevenção das doenças e danos é o conjunto de atividades – vacinação, por exemplo – que persegue o propósito de evitar conseqüências negativas ou riscos para a saúde.

“Aquilo que eles queriam no final das contas acabou acontecendo quer era não ter ratos, só que aconteceu mais que isso, né?” (Coqueiro)

“Então tem um trabalho sim de prevenção neste aspecto... mas é de promoção de saúde porque você está discutindo a melhoria na qualidade de vida.” (Coqueiro)

“Então eu acho que a gente promove saúde... Saúde é a gente ter consciência não só do lixo da gente... no nosso dia-a-dia no nosso cotidiano.” (Violeta)

“E eles se sentem feliz geral. Eu promovo saúde, a doença eu não vou eliminar nunca.” (Hortênsia)

“A relação de melhoria do meio ambiente, da qualidade de vida, preservação.” (Tulipa)

“Tirar a comida do rato, tratar o lixo, diminuir as doenças e, promover a agricultura urbana ainda, né?” (Ipê)

Ao analisar as entrevistas, olhamos com atenção para todos os desdobramentos que nasceram da Revolução dos Baldinhos, ações que de alguma forma transformaram os indivíduos e a comunidade onde aconteceu esta revolução. Algumas das ações observadas foram: mudança na educação (não só formal); iniciativa de trabalho; melhora da autoestima, diminuição da violência; mudança para uma alimentação mais saudável; felicidade; inserção nas artes (cerâmica e música); possibilidade de viagens; mudança na perspectiva de vida (faculdade); recebimento de prêmios (reconhecimento); consciência em relação à importância da terra, planos para o futuro da Revolução dos Baldinhos (sonhos); o favorecimento da integração entre os moradores, orgulho das realizações, e a consciência do grande valor da solidariedade entre os moradores da comunidade e as instituições locais envolvidas.

Considerando o acima exposto, Carvalho (2004) esclarece que promoção da saúde é aquela que amplia o alcance para além dos parâmetros tradicionais da saúde pública e da prevenção da doença. Assim sendo, para que o grupo seja de promoção da saúde, é preciso abordar os campos disciplinares da sociologia, da psicologia, da ciência política, da economia, da epidemiologia e da ecologia, introduzindo novas idéias, linguagens e conceitos sobre a saúde e sobre a maneira de produzi-la.

Quando Castiel (2010) cita Lupton observa que promoção da saúde deve ser vista como indissociável dos ambientes social, econômico e cultural, contribuindo para mudanças sociais e melhoria da relação entre cidadãos e Estado. Funciona também como forma de deslocar a ênfase na ‘medicalização’ do sistema de saúde enfocando para as políticas públicas e as ações multissetoriais.

Outra observação em relação à Revolução dos Baldinhos, foi considerar o grupo como um grupo de promoção da saúde. Para Santos, citado por Santos, Da Ros, Crepaldi e Ramos (2006), os grupos de promoção da saúde são uma intervenção coletiva e interdisciplinar, concebidos como instrumentos a serviço da autonomia e do desenvolvimento contínuo do nível de saúde e condição de vida,

fundamentado no conceito positivo de saúde. A construção de relações sociais cooperativas para o desenvolvimento contínuo da autonomia e da promoção da saúde são objetivos fundamentais desses grupos.

Chamamos atenção para um ponto importante: o quanto é fundamental para a prática da promoção da saúde, como citamos acima e como a Revolução dos Baldinhos sabe fazer de forma tão ampla, considerar o conceito de saúde que os participantes do grupo têm internalizado em si como base para as atividades. Este será o tema da próxima subcategoria.

Subcategoria: SAÚDE *“Saúde é viver bem, comer bem, se sentir bem...”*

Ao ler as entrevistas, após transcrição, selecionamos as falas que nos chamaram mais atenção em relação ao tema saúde, e notamos que para os integrantes do grupo, saúde não é simplesmente ausência de doença. Para eles saúde é viver bem, sentir-se bem, é a terra (o poder plantar e o prazer do contato com a terra). Autoestima também faz parte do conceito de saúde internalizado por eles. O poder contar com pessoas da comunidade para dividir suas angústias, as mudanças para melhores rumos na vida, e o cuidado entre os moradores da comunidade, e da comunidade com o meio em que vivem, também são considerados como fatores fundamentais para o alcance da saúde.

“Saúde é viver bem, comer bem, se sentir bem (...) não que tu não possas ostentar às vezes uma gordurinha.” (Azaléia)

“Vida que eu digo é a terra... a terra é vida gente.” (Hortênsia)

“Mudou a autoestima até das famílias (...) tu poder ter a oportunidade de se abrir e saber que a pessoa está ali pra te escutar está ali pra te ajudar.” (Hortênsia)

“Exatamente (...) claro reforçou a auto-estima.” (Orquídea)

“Uma coisa bacana foram os resgates mesmo (...) então já estavam envolvidos no narcotráfico (...) eles deixaram dessa vida e arrumaram outros empregos.” (Orquídea)

“É cuidar das pessoas e cuidar das oportunidades que ela pode criar pra própria vida... ela pode se colocar em movimento em tudo, né?” (Tulipa)

Reforçando o conceito de que saúde não é apenas ausência de doença, aparecem, nas entrevistas, contradições no sentido de mostrar que a doença faz parte da vida e pode até impedir de fazer uma atividade por um determinado momento, mas não é suficiente para impossibilitar que os sonhos do coletivo fiquem estagnados.

Caponi (2003), quando cita Canguilhem, acrescenta que não podemos aceitar que saúde seja apenas a associação corpo-mecanismo e, conseqüentemente, pensar que o conceito de saúde se reduza a exigências contábeis. Portanto o corpo não é resultado do seu patrimônio genético, como tem sido considerado nas últimas décadas. O corpo, e seu estado de saúde, é resultado do meio social no qual está inserido.

Este grupo, sem saber, talvez pratique deliberadamente um conceito de saúde positivo, prazeroso, de que saúde se conquista nas lutas diárias e muito mais do que isso, se conquista não de forma individualizada, mas de forma coletiva. Não estamos aqui querendo diminuir a importância da clínica médica, nem das tecnologias usadas para lidar com a saúde, mas estamos querendo reforçar a importância da ação social e coletiva para assegurar a saúde dos indivíduos e tê-los participando ativamente da construção diária da saúde de sua comunidade.

Podemos olhar com atenção que, mesmo que a globalização neoliberal tenha disseminado o individualismo, alguns eventos para se concretizarem, terão que continuar sendo alcançados coletivamente. Foi o que aconteceu de maneira tão natural nesta comunidade, eles mesmos sem perceber, entenderam que saúde é muito maior que qualquer conceito tente reter, e que não existe saúde solitariamente.

2ª CATEGORIA: “*Nenhum ponto de partida ele começa onde parece que começa.*”

O título desta categoria nos recorda uma passagem do livro de Marx e Engels Ideologia Alemã (2007, p. 40), na qual, história

Nada mais é que o suceder-se de gerações distintas, em que cada uma delas explora os materiais, os capitais e as forças de produção a elas transmitidas pelas gerações anteriores; portanto, por um lado ela continua a atividade anterior sob condições totalmente alteradas e, por outro, modifica com uma atividade completamente diferente as antigas condições...

Acreditamos que a Revolução dos Baldinhos se iniciou muito antes do motivo que pôs aquelas pessoas em movimento. A trajetória de vida de cada profissional envolvido tem um peso preponderante em relação à maneira como resolveram o caso. Sua história de vida também os levou, de maneira consciente ou não, a escolher esta comunidade como seu local de trabalho, como a citação acima nos esclarece tão bem.

Continuando, Sader (2007) alerta que o mundo é produto do trabalho humano, como realidade histórica construída coletivamente pelos homens. Devemos considerar também o homem, portanto, como sendo um ser histórico, e isto é dado por sua capacidade de trabalho. Essa revolução só se deu porque, ainda como explica Sader (2007), embora o homem possua o potencial transformador da realidade, ele foge do que o tornaria humano, porque não se reconhece no que faz, no que produz, no mundo que transforma. Porque se trata de trabalho alienado. O que notamos ao analisar as entrevistas, é que isso não acontece dentro do grupo da Revolução dos Baldinhos. Eles têm consciência da imensa transformação ocorrida na comunidade e que isso se deu por meio do trabalho do grupo inserido na comunidade, além do domínio que o grupo tem em relação a todo processo construído por eles.

Subcategoria: EVENTO DESENCADEADOR: “*Estava tendo muito rato lá na área dele.*”

A infestação de ratos foi aparentemente o evento desencadeador da revolução, mas não seria o único responsável pela transformação que ocorreu na comunidade, pois acreditamos que a infestação de ratos seja um problema que atinja todos os bairros da cidade. É necessário considerar também a história de vida de cada indivíduo que participou desta revolução e, além disso, na época do ocorrido estava se iniciando um movimento na Creche, na Escola e na Casa Chico Mendes, para trabalhar com compostagem e agricultura urbana. Então, estavam dadas as condições para que a revolução ocorresse. De acordo com Marx (2007), desta materialidade, emana a consciência da necessidade de uma revolução.

“O projeto começou naquela reunião... Onde sentamos todos juntos e pela primeira vez discutimos a questão do lixo.” (Coqueiro)

“Infelizmente foi por causa dos ratos.” (Hortênsia)

“Porque minha vó... ela era tipo uma agricultora de meio rural... de meio urbano, urbano porque eu morava na cidade.” (Hortênsia)

“Então aí, não sabiam como separar o lixo.” (Orquídea)

“A própria leptospirose acabou tendo vítimas... então com isso tudo, um alerta, e a escola não podia ficar à margem.” (Tulipa)

Ao analisar as falas, verificamos que a infestação de ratos é relatada em várias entrevistas, mas também é citado o fato de lá ser uma favela, e das pessoas não saberem o que fazer com o seu lixo. Por isso, é preciso ponderar sobre o fato de que esses moradores, em sua grande maioria, vieram da zona rural, talvez isso explique a má relação com o seu resíduo produzido. É provável que na zona rural o tratamento de lixo dado nas pequenas propriedades de terra seja diferente do tipo de tratamento dado na cidade. Outra hipótese é que por não ser um lugar totalmente urbanizado, já que a comunidade apresenta vielas, becos em um número elevado, a dificuldade do recolhimento do lixo também pode ter facilitado a infestação de ratos.

Ao resgatar a história de vida dos moradores, constatamos que muitos vêm das zonas rurais, e não podemos afirmar e nem desconsiderar que este fato os tenha levado a procurar uma comunidade carente para firmar morada. A grande maioria dos trabalhadores das zonas rurais não apresenta qualificação suficiente para obter uma boa colocação de trabalho na cidade e acaba formando, com a convivência do estado, bolsões de pobreza dentro das cidades. Isso pode explicar a grande empatia da comunidade pela revolução.

Considerando a cisão entre campo e cidade, Marx (2007) explica que ela também pode ser apreendida como a separação entre capital e propriedade de terra, como o início de uma existência e de um desenvolvimento do capital independentes da propriedade da terra, o início de uma propriedade que tem como base apenas o trabalho e a troca.

Outro dado que chamou atenção nas falas dos entrevistados foi a clareza que eles têm de que, apesar de tudo, não conseguiram terminar totalmente com os ratos da comunidade, não só pelo projeto atingir aproximadamente 10% da comunidade, mas porque a própria infestação, agora controlada, não tem mais a mesma dimensão que tinha no início. A revolução ganhou outro foco, que não aquele de modificar comportamento e prevenir doenças advindas dos ratos e de outros vetores que conseqüentemente tiveram seu número diminuído. Notamos

que após esse fato, eles puderam sonhar com outras metas para a comunidade, e para o próprio grupo. Viram que são capazes de coisas muito maiores, ou seja, a conquista assegura que a capacidade de agir no coletivo funciona e gera força.

Um fato que não podemos esquecer é que em toda comunidade carente, os serviços do estado raramente são fornecidos e quando são, se fazem de maneira precária, como exemplifica Mészáros (2008) ao salientar que vivemos numa ordem social na qual mesmo os requisitos mínimos para a satisfação humana são negados à esmagadora maioria da humanidade. Dessa forma as pessoas estão jogadas à própria sorte, têm que arranjar um meio para resolver seu maior problema.

Subcategoria: POR QUE ACONTECEU LÁ? “Então eu acho que foi pela comunidade, pela cumplicidade... pelo apoio realmente da comunidade.”

Quando olhamos com mais atenção à pergunta “Por que aconteceu lá?”, encontramos mais uma vez em Marx (2007) uma indicação de resposta que para ele se dá na relação coletiva em que entraram os indivíduos de uma classe condicionada por seus interesses comuns; uma relação na qual não participavam como indivíduos, mas como membros de uma classe. Já na coletividade do proletariado revolucionário, que toma sob seu controle suas condições de existência e as de todos os membros da sociedade, dá-se exatamente o contrário: nela os indivíduos participam como indivíduos.

Vemos claramente que cada pessoa contribui com o que pode, e o tratamento entre elas não se dá de forma massiva. Têm o cuidado de tratar e considerar cada indivíduo ou família de acordo com as suas especificidades, e acolher o que cada um pode ajudar. Talvez estejam passando pelo processo de poder controlar sua condição de existência, quando começam a transformar o local onde vivem e, consecutivamente, a consciência dos moradores.

Peixoto (2011) nos lembra que Marcuse menciona o contraste entre as necessidades satisfeitas e não satisfeitas, e quando o dado e o possível se atenuam. Disso resulta o “*nivelamento*” das classes sociais com a consequente homogeneização ideológica de seus interesses políticos e sociais. O conformismo e os controles sociais tornam-se tão generalizados e tão profundamente arraigados nos hábitos cotidianos que qualquer inconformismo, qualquer insatisfação, qualquer protesto individual se apresenta como neurose. Notamos que esse ‘nivelamento’ relatado por Marcuse, não aconteceu nesta comunidade, ou pelo menos

o processo não foi concluído, pois sofreu a interferência da revolução. Observamos isso quando lemos as frases abaixo.

Em outros lugares: *“O pessoal gosta, acha interessante... mas não toma pra si a tarefa... então essa foi uma diferença a meu ver... a diferença foi que a idéia caiu num solo fértil, muito fértil... é bem interessante.”*
(Coqueiro)

“A gente sempre diz que é muito importante ser pessoas que são da comunidade pra tar participando... que se tu conhece o teu vizinho é muito mais fácil de tu conseguir dialogar com eles.” (Violeta)

“Acontece que é gente da comunidade, que é gente guerreira que persiste.” (Hortênsia)

“Somos mais solidários... Tem que ter mais solidariedade (...) somos todos unidos, sabe, não temos objetivo de guerra.” (Hortênsia)

“O resgate que elas tiveram porque muitas dessas famílias elas vem da zona rural.” (Orquídea)

“Então eu acho que é fundamental isso aí, a pessoa da comunidade.”
(Orquídea)

Ao examinar as falas com mais atenção, nos deparamos com uma importante indicação como resposta para a pergunta, para que a revolução aconteça é fundamental que os indivíduos da comunidade estejam organizados. Ousamos parafrasear Marx dizendo que a Revolução dos Baldinhos só interessa aos moradores da comunidade.

Significa dizer também que a Revolução dos Baldinhos só aconteceu, porque era de interesse da comunidade, e assim, só poderia dar certo com o engajamento de algumas pessoas da mesma.

3ª CATEGORIA: “A força dentro da comunidade é muito grande quando a gente sabe se expressar.”

Para Sader (2007) a apreensão do significado que as formas de reprodução da vida têm para a existência humana, representa a primeira grande formulação do materialismo dialético na compreensão da história e da consciência humana. A cada estado de desenvolvimento das formas de produção material da existência, correspondem formas específicas de estruturação social, além de valores e formas de apreensão da realidade.

A expressão contida na frase título desta categoria, nada mais exprime do que o nível de consciência atingido pela comunidade, e posto em prática com a Revolução dos Baldinhos. Iasi (2007) esclarece que sempre é necessário lembrar que em certos momentos a consciência assume uma dimensão que extrapola os limites do pensamento, partindo obrigatoriamente para o campo da prática. Nada mais é do que a vida cobrando uma postura para a qual não foram internalizadas estruturas prévias para a sua realização.

Em Marx (2007, p. 87), encontramos que

O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da própria constituição dos meios de vida já encontrados e que eles têm de reproduzir. Esse modo de produção não deve ser considerado meramente sob o aspecto de ser a reprodução da existência física dos indivíduos. Ele é, muito mais, uma forma determinada de sua atividade, uma forma determinada de exteriorizar sua vida, um determinado modo de vida desses indivíduos. Tal como os indivíduos exteriorizam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, pois, com a sua produção, tanto com o que produzem como também como o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção.

Resumidamente podemos descrever que o contexto material da comunidade envolvida no projeto sofre uma modificação. Em consequência, algumas pessoas têm sua consciência modificada, e em decorrência percebem sua força de transformação e que, conclusivamente, iniciam outra transformação no seu modo de produzir e do que produzir. Isso nos lembra uma espiral que, apesar de passar pelo mesmo lugar, nunca toca o mesmo ponto da passagem anterior.

Subcategoria: REVOLUÇÃO – PROCESSO – CULTURA: “Eu acredito que eu revoluciono... que eu faço a revolução mesmo.”

Ao realizar as entrevistas, é fácil perceber o entendimento do grupo sobre a grandiosidade e a importância do trabalho por pessoas que fazem ou fizeram parte da comunidade. A clareza da sua função dentro do grupo e da sua contribuição para a melhoria da comunidade também é algo que salta aos olhos.

Muito provavelmente, eles não tenham o conhecimento das lutas de classe, do papel do Estado, nem do lugar que está destinado a eles como proletários e intelectuais orgânicos. Mas não podemos negar a noção que eles têm de que revolução é um processo, como eles mesmos disseram: “... *revolucionar... tu revolucionas e continua fazendo aquilo que foi passado pra você...*” e da importância da cultura na transformação de sua realidade enquanto moradores de uma comunidade carente, na cidade de Florianópolis.

Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (2005, p. 156) nos traz uma frase de Lênin, que diz: “Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário”. De acordo com Freire significa precisamente que não há revolução com verbalismos, nem tampouco com ativismo, mas com práxis. Portanto, com reflexão e ação incidindo sobre as estruturas a serem transformadas.

Freire (2005) mostra que não há nada de mais concreto do que os homens no mundo e com o mundo. Os homens com os homens enquanto classe que oprime e classe oprimida. O que a revolução autêntica pretende, portanto, é transformar a realidade que propicia esse estado de coisas desumanizante dos homens. Dessa maneira o intento de ultrapassar do estado de objeto para o de sujeito, é o objetivo da verdadeira revolução.

Toda revolução acontece dentro de um contexto, ou seja, de um Estado, e neste caso estamos falando do Estado liberal burguês que, para Locke, citado por Gruppi (1980), é formado para que se garanta a propriedade privada e a segurança dessa propriedade. Nesta concepção de Estado, os indivíduos partiriam de uma condição natural em que são indivíduos soltos. A realidade individualista da sociedade burguesa, alicerçada nas relações mercantis e de contrato, se expressa na ideologia política. Mas na concepção de Marx, o homem é um ser social e só se torna homem na medida em que vive e trabalha em sociedade.

“Tem pessoas que tipo... precisa de terra... precisa de locais... que nem a compostagem... hoje em dia não tem nenhum local, tipo nenhuma área destinada ainda para compostagem.” (Violeta)

“Porque a Revolução é uma família.” (Azaléia)

“Porque teve a revolução farroupilha (...) e eu achei uma palavra muito forte.” (Hortênsia)

“Eu fico muito triste quando a gente vai dar essa capacitação e a pessoa só faz naquele dia que nós fizemos e não mexe mais com a

composteira... então isso não está sendo uma revolução, isso ali foi só o momento (...) Revolucionar... tu revoluciona e continua fazendo aquilo que foi passado pra você.” (Hortênsia)

“Pra tar ensinando eles a fazer um vaso pra eles mesmos... nós estamos construindo um fogão para assar as peças ali atrás.” (Violeta)

“As reuniões que eram feitas tinham também esse objetivo, não só de apresentar um balanço de como tava a Revolução, mas de trabalhar a integração entre os moradores.” (Coqueiro)

“Contentamento e a felicidade de saber que tem alguém representando fora.” (Azaléia)

*“A minoria não importa pra nós, o que importa é a maioria.”
(Hortênsia)*

“Ter um objetivo claro e sempre perceber que isso era mais importante.” (Tulipa)

Ao analisar as frases acima constatamos que nenhum deles começou o processo com o objetivo de revolucionar. Queriam apenas diminuir a quantidade de ratos em sua comunidade, e assim evitar mais vítimas da leptospirose. Com o passar do tempo, o projeto começa a tomar proporções maiores, eles então se sentem representantes da comunidade.

Fazem uma leitura que revolução é processo, de que é a partir da soma de pequenos atos que conseguem manter a transformação, se reinventam quando têm a idéia de ofertar curso de cerâmica para a comunidade, de não ter só o que plantar, mas também onde plantar. Trazem consigo o conceito da função social da terra, quando dizem que há pessoas que precisam de local para plantar, que hoje não existe local destinado à compostagem. Reinventam-se novamente quando planejam a Revolução das Galinhas, talvez sendo uma segunda etapa da Revolução dos Baldinhos, onde cada família teria um número determinado de galinhas para possuírem uma fonte de proteína, o que se complementaria com dois pés de palmito Jussara.

Este processo revolucionário também trouxe para a comunidade um amadurecimento quando todas as pessoas, sem distinção de função dentro da comunidade, abraçaram a ideia. Não só as que participam do projeto, mas também aquelas que mesmo sem participar, contribuíram não tomando para si nenhuma das bombonas

espalhadas. Não que o incidente não houvesse ocorrido, mas que depois de ocorrido teve um tratamento diferente da opressão policial que estavam acostumados a sofrer. Aconteceu de forma dialógica, consciente e somente uma vez conforme relatado na entrevista. Fica evidente quando Gruppi (1980) cita Lênin e este diz que o Estado burguês é uma ditadura de classe, pois o poder está sempre nas mãos de uma minoria sobre a grande massa de trabalhadores. E complementamos dizendo que a polícia é o braço armado do Estado burguês servindo, pois, para a sua manutenção.

Freire (2005) revive a necessidade de que quem na revolução se gera como ser social, na medida em que é ação cultural, não pode deixar de corresponder às potencialidades do ser social em que se gerou. E que todo ser se desenvolve dentro das contradições que há em si. Em consequência vemos claramente que o novo, na revolução, nasce da sociedade velha e opressora que foi superada.

Esta revolução não tem a dimensão das revoluções idealizadas e até concretizadas por Marx, Lênin e tantos outros pensadores. Não tem o objetivo de quebrar o Estado, como afirma Lênin, sendo citado por Gruppi (1980) quando diz que o Estado burguês não serve à edificação do socialismo. A Revolução dos Baldinhos foi uma ação pontual, mas que por não ter o tamanho, nem o propósito da revolução socialista não pode ser ignorada de maneira nenhuma. Houve sim, e não há como negar, uma grande transformação nestas pessoas e nesta comunidade que, com certeza, deixará marcas indeléveis na consciência de todos nós que de alguma forma participamos dela.

Subcategoria: EMANCIPAÇÃO/AUTONOMIA - BENEFÍCIO INDIVIDUAL: “Sim parece que a gente se torna mais consciente.”

Trataremos aqui da emancipação como processo construído por um grupo de pessoas que, ao entrar no processo, acaba levando seus próximos ao mesmo objetivo. Netto (2012) lembra que a emancipação humana para acontecer depende de um sujeito histórico para o qual a emancipação seja questão de vida ou morte. O autor continua dizendo que para Marx este sujeito histórico seria o proletariado e a emancipação estaria dependente da revolução.

E Marcuse, segundo Peixoto (2011), não deixa esquecer que na nossa sociedade capitalista as coações impostas pela escassez juntaram as coações impostas pela sociedade por meio da divisão do trabalho. A repressão estabelecida pelo princípio de realidade e a repressão promovida pela dominação, ou seja, o interesse de proteger grupos

específicos da sociedade se conjuga para perpetuar a repressão. Temos como resultado uma sociedade repressora de seus instintos, uma vez que esse quadro de progresso assegura a existência dessa civilização, além de garantir o reforço da dominação e do trabalho alienado.

Portanto está claro que o grupo ainda não alcançou a etapa da emancipação, até porque conjunturalmente o mundo não parece estar preparado para tanto ou porque uma das funções do capital é abortar toda e qualquer experiência emancipadora, deixando-as seguir apenas até o ponto em que não ponham em risco a existência desta civilização capitalista.

Mas percebemos uma mudança na consciência dos entrevistados envolvidos no projeto em relação ao mundo. Chama-nos atenção a preocupação deles com o futuro, não só com o futuro individual, mas com o futuro do grupo e da comunidade. Essa consciência sem dúvida não foi adquirida de uma hora para outra, mas é produto da construção social pela qual passaram. Encontramos em Freire (2008), uma afirmação que exemplifica muito bem o momento pelo qual o grupo está passando: a de que ninguém é autônomo primeiro para depois decidir, que a autonomia vai se construindo durante as várias experiências vivenciadas, que ela é um vir a ser. Em consequência disso e em concordância com Marx, para Freire não existe história sem homens nem para os homens, mas sim, uma história de homens que feita por eles também os faz. Observamos isso nas falas abaixo:

“E elas se acham assim legais e isso melhorou, de fato melhorou a autoestima.” (Coqueiro)

“É nossa autoestima hoje em dia é outra também... que nem nós voltamos a estudar... eu me formei agora no terceiro ano... me formei final do ano passado... vou tentar vestibular pra agronomia... quero ser uma futura agrônoma.” (Violeta)

“Eu comecei a inventar receita.” (Azaléia)

“Eu não mudei meu sonho... eu gosto muito de designer (...) o meu futuro é se formar nessa parte... dentro da revolução (...) porque eu pretendo chegar lá em designer... fazer faculdade... isso e aquilo.” (Azaléia)

“Uma hora a CEPAGRO vai largar nós, eu sei disso.” (Hortênsia)

“Sem contar as coisas que também proporciona pra gente como conhecer novos lugares, novas pessoas. De estar descobrindo sempre coisas novas... o interesse por voltar a estudar. (...) Estou estudando a noite.” (Azaléia)

“Muitos jogavam pedra... muitos diziam o que é que eu achava que eu ia ganhar com isso (...) riam da nossa cara.” (Hortênsia)

*“Fui pegar um prêmio da ELETROSUL sobre sustentabilidade.”
(Hortênsia)*

“A gente queria o composto pra poder plantar” (Ipê)

Fica evidente também que neste grupo ou neste momento histórico, para a consciência evoluir se faz necessário obter de alguma forma benefícios individuais, que serviriam como chama para a continuidade do trabalho. Nada mais é do que a relação de troca que o capital impôs à sociedade. Peixoto (2011) lembra que Marcuse corrobora com o assunto aprofundando que no capitalismo avançado a legitimação se fundamenta na abundância e na eficácia com que se satisfazem as necessidades. Este sistema não mais interioriza os valores que levavam os indivíduos a aceitarem as frustrações das suas próprias necessidades, mas torna as necessidades como valores em si mesmos. Não existe mais a tensão entre o desejo e a realização, já que o indivíduo está programado a desejar aquilo que a sociedade está preparada para realizar. Por isso o indivíduo não está apto a perceber a força que o oprime, diferente da sociedade do capitalismo liberal onde a opressão tomava a forma da privação.

Em relação a isso, observamos nas entrevistas a importância dada aos prêmios conquistados pelo grupo, fato que nos leva a refletir sobre a verdadeira intenção da política de premiação no sistema capitalista. O sistema de premiação nada mais é do que a cooptação dos indivíduos pelo capital, ou seja, é o capital mostrando que ele está no caminho ‘certo’ e utilizando-se de prêmios, reforça o comportamento dos indivíduos. Concluímos então que quanto mais nossa emancipação se mostrar madura, quanto mais críticos e autônomos nos tornarmos, tanto menos prêmios receberemos desta sociedade. E aí sim, quando formos de encontro a todo esse sistema, estaremos fazendo uma revolução.

Não estamos afirmando que somos donos da verdade, nem queremos impor nossas ideias como as mais corretas. Queremos apenas demonstrar que não existe só uma maneira de fazer a leitura dos fatos.

Continuando a análise das falas desta categoria, notamos que ocorreu um despertar nas mulheres que coordenam a revolução. Elas voltaram à escola, sentindo-se capazes de continuar sua formação em uma instituição de ensino superior. Sentem-se competentes para tal empreitada porque tiveram sua autoestima melhorada. Ao saírem do seu bairro para falar sobre a Revolução dos Baldinhos, perceberam o poder transformador que possuem e que podem não só revolucionar a sua comunidade, como também suas próprias vidas.

Apesar de relatarem que as pessoas riam delas, que queriam saber o que estavam ganhando com aquilo, ou quando se sentiam magoadas com as colocações de algumas pessoas, essas resistências – normal a tudo o que é novo e relativamente incompreensível – foram vencidas uma a uma. Acreditaram que poderiam realizar o trabalho, e que ele era importante para a comunidade. Nesse momento elas se tornam o orgulho da comunidade, ao mesmo tempo em que demonstram ter orgulho pelo trabalho desenvolvido e pela comunidade que entendeu e que agora defende o projeto.

4ª CATEGORIA: INSTITUCIONALIZAÇÃO E PODER PÚBLICO “Agora que estão ajudando com algumas coisinhas.”

Antes de iniciarmos propriamente a análise desta categoria, cabe resumidamente tratar um pouco do papel do Estado. Em A Ideologia Alemã, Marx e Engels (2007) dizem que o Estado nada mais é do que a forma de organização que os burgueses se dão necessariamente, tanto no exterior quanto no interior para a garantia recíproca de seus interesses e propriedades. O Estado existe, portanto, para manter a propriedade privada, sendo um meio de legitimação e manutenção da classe burguesa. Faz o papel de mediador de crises entre as classes, porém sabemos que o Estado burguês é liderado por burgueses e dessa maneira, a classe que receberá todas as franquias não será a do proletariado.

Assim sendo a grande dúvida que nos rodeia é se a institucionalização e a parceria com o poder público trarão realmente alguma vantagem para este grupo. Novamente lembramos que não temos o objetivo de nos considerar donos da verdade, nem de pensar que nossa visão é a mais correta, pois não vivenciamos nenhuma das dificuldades dessas pessoas e, provavelmente, não vivenciaremos as futuras.

O que cabe aqui é, a partir desta visão de mundo e a partir do que foi relatado durante as conversas realizadas, tentar desenhar o que poderia ser melhor para o grupo.

“Que eu acho assim ó um projeto como esse ele tinha que ser assumido pelas instituições públicas.” (Coqueiro)

“Não tempos pessoas também para virar tantas bombonas... é e gostaria que o poder público também se conscientizasse e nos remunerasse por aquilo que a gente tá fazendo.” (Violeta)

“Eu penso assim numa cooperativa... da gente mesmo conseguir tocar... ter estudo e sabedoria o suficiente pra poder estar assumindo.” (Azaléia)

“Abrir uma pequena cooperativa... mas isso vai ser por nós... eu já não espero mais ajuda do poder público. Eu espero pela nossa capacitação... Que nós somos capaz de fazer o nosso trabalho.” (Hortênsia)

“Se eles dessem pelo menos o dinheiro dessas toneladas de resíduos que foram tirados e foram feitos compostos.” (Orquídea)

“O poder público tem que estar ali pra estar assessorando no caso, né? E aí quando isso falha, a sociedade não pode aceitar e aí a tendência é acabar com o processo, né?” (Tulipa)

“Porque isso só vai acontecer só vai acontecer se for uma política pública.” (Ipê)

Ao acompanhar as falas, vemos que existe uma grande contradição, a de ora esperar pelo auxílio do poder público, e ora sonhar com sua independência ao fundarem uma cooperativa. O nosso receio, neste caso, é de que o poder público invada de forma subliminar e tome para ele todo o exercício da revolução, o que não seria uma boa idéia, em se tratando do Estado liberal burguês que se orienta na forma que tratamos no começo desta categoria. De acordo com a teoria estudada, percebemos que o Estado retiraria desta comunidade a autonomia de administrar a Revolução dos Baldinhos, além de tornar uma atuação vertical, e não a atuação dialógica como tem acontecido de forma muito bonita até hoje.

Depois do grupo e da comunidade passarem por todo um processo de emancipação e conscientização, raríssimo de acontecer em

nossa sociedade, deveriam agora manter a Revolução dos Baldinhos sob sua custódia. Esta revolução, não tem mais donos, tem líderes e a Revolução dos Baldinhos não pertence mais a A, B ou C. Ela é agora de toda uma comunidade, que deve se manter unida e consciente para que a Revolução não acabe sendo mais uma política social para ‘pobres’ que mesmo sob a tutela do Estado não receberá o devido respeito dele. Não é mesmo de seu interesse que as comunidades carentes e os proletariados transformem o lugar onde vivem, e desta transformação modifiquem sua consciência.

Talvez entregar a Revolução dos Baldinhos ao poder público não seja uma das melhores ideias, tendo em vista que a própria revolução poderá ser usada como uma maneira de passar uma ideologia de classe a esta comunidade. Como salienta Marx (2007), cada nova classe instaura sua dominação somente sobre uma base mais ampla do que a da classe que dominava até então. Posteriormente, a oposição das classes não-dominantes contra a classe então dominante torna-se cada vez mais aguda. O objetivo, com essas considerações, não é dizer que se iniciará uma luta de classes entre a Revolução dos Baldinhos e o poder público. Mas para atentar que ao entregar a Revolução dos Baldinhos ao Estado, este terá consigo um meio de passar todas as suas ideias à comunidade, além de romper com o processo emancipatório instalado nela, e também o de conseguir controlar mais de perto as atividades das pessoas dentro da comunidade. Possivelmente a negação do papel do Estado neste caso, seja o mais acertado a fazer.

Porém, será necessário muita sabedoria para não reproduzir dentro do grupo o mesmo que ocorreria se fosse administrado pelo poder público. É necessário tentar o novo, tentar outra maneira de estar com o outro, não mais como patrões e empregados, comandantes e comandados. É preciso, por mais difícil que pareça, que esta Revolução continue sendo dialógica como tem se apresentado até agora. E trazemos Freire (2005) que afirma estar convencido de que o diálogo com as massas populares é uma exigência radical de toda revolução autêntica. Mais adiante em sua obra continua afirmando que a verdadeira revolução, cedo ou tarde, tem de inaugurar o diálogo corajoso com as massas. Assim, se faz necessário que o grupo amadureça e se torne sujeito, mas é bom que fique claro que para isso o grupo ou seus integrantes não precisam excluir o outro. Sua legitimidade está no diálogo e não no engodo, na mentira. Consequentemente o revolucionário, ainda segundo Freire (2005) deve ver a revolução como meio para libertação, e não como forma para outra dominação.

O Estado já mostrou seu rosto ao retirar de forma brusca o resultado de vários meses de trabalho do grupo. Por que seria de seu interesse, então, manter um projeto que ele mesmo violou? A resposta é que não é interesse do Estado, só interessa à comunidade o sucesso do projeto.

Durante as entrevistas observamos e agora ao analisá-las vemos mais profundamente que o grupo, de acordo com Freire (2005), já não se acha mais incapaz, nem acha que os outros, os doutores, tenham maior conhecimento e por isso devem escutá-los. Já ultrapassaram essa etapa, praticam a práxis que implica ação e reflexão sobre sua realidade, para transformá-la.

5ª CATEGORIA - INTELLECTUAL ORGÂNICO – EDUCAÇÃO – INTERDISCIPLINARIDADE: “Não só com sua carga profissional de engenheiro, médico, pedagogo e tal... mas como pessoas que, assim, estavam claras de construir um processo comunitário, sabe?” (Ipê)

Nesta categoria propomos trabalhar com o tema educação por acreditar que, apesar de no processo não ter ocorrido uma educação formal curricular, ela esteve e está presente em todos os momentos. Tratamos primeiramente da educação bancária, com a finalidade de delimitar o tema, e ressaltar a educação libertadora. Bordenave (1982) esclarece que os processos educativos, assim como os métodos de ensino-aprendizagem, se baseiam em uma determinada pedagogia, ou seja, na concepção de como conseguir que as pessoas aprendam e modifiquem o seu comportamento. Esta pedagogia se fundamenta na teoria do conhecimento influenciada pela ideologia de classe.

Esta concepção é ratificada por Paulo Freire (2008, p.79), quando diz:

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos.

Ainda segundo Freire (2010) é preciso uma educação que possibilite ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advirta dos perigos de seu tempo

para que, consciente deles, ganhe força e coragem para lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio ‘eu’, submetido a prescrições alheias.

Um fato importante para que a educação libertadora ocorra, é o posicionamento que os profissionais, sejam ou não da educação, assumem em relação ao grupo. Essa postura chamou nossa atenção durante o período de entrevistas e contato mais intenso com o grupo. Para Freire (2008) tão importante quanto estar capacitado para ensinar adequadamente os conteúdos de uma disciplina, é o testemunho ético do educador, é o revelar do seu conhecimento científico de forma humilde, respeitando o educando.

“Eu acho assim o projeto viaja, o projeto viaja aí tem o dedo da CEPAGRO, que estimula que elas se apresentem.” (Coqueiro)

“Ela que nos ensinou a como se comportar nos lugares.” (Hortênsia)

“E chamaram a policia pra gente... Não precisava isso.” (Hortênsia)

“Houve muitos conflitos, muito assim... então a gente tinha que mediar isso, né?” (Orquídea)

“E tem essa produção de conhecimento científico (...) ligado também a parte das artes, dos esportes.” (Tulipa)

“E aí simultaneamente a CEPAGRO tem essa luz, né? De criar esse projeto chamado Revolução dos Baldinhos.” (Tulipa)

“Elas na época falaram não ó a gente tá aí... a gente gosta de fazer isso e pode ir nas casas pra explicar pras pessoas separar.” (Ipê)

“A gente ia evoluindo dentro desse processo de coleta (...) a gente sempre construiu o processo pra que esse projeto fosse da comunidade (...) a gente ia junto (...) e essas pessoas foram tendo autoestima e se empoderando” (Ipê)

Ao analisar as frases acima, percebemos, nas declarações, o respeito entre os profissionais ou intelectuais e os moradores. Mesmo quando alguns intelectuais caem na armadilha da contradição, existem outros que continuam no caminho da educação dialógica e transparece a consciência de que o grande passo para a criação da Revolução dos Baldinhos foi mérito da comunidade. Muitos deles deixam claro que o seu papel foi o de apenas assessorar os passos dados pelo grupo da

revolução. Buscamos em Gramsci, de acordo com Semeraro (2006), explicar em poucas linhas que os intelectuais orgânicos, como os que participaram ou participam da Revolução dos Baldinhos, fazem parte de um organismo vivo e em expansão. Estão ao mesmo tempo conectados ao mundo do trabalho e às organizações políticas e culturais mais avançadas que o seu grupo social desenvolve para dirigir a sociedade. Ao fazer parte ativa dessa trama, os intelectuais “orgânicos” se interligam a um projeto global de sociedade e a um tipo de Estado capaz de operar a “conformação das massas no nível de produção” material e cultural exigido pela classe no poder. Então, são orgânicos os intelectuais que, além de especialistas na sua profissão, que os vincula profundamente ao modo de produção do seu tempo, elaboram uma concepção ético-política que os habilita a exercer funções culturais, educativas e organizativas para assegurar a hegemonia social e o domínio estatal da classe que representam.

A escolha pela educação dialógica libertadora foi um diferencial importante para o sucesso do grupo como o vemos agora. Não conseguimos perceber se os profissionais compreendem a dimensão que a educação dialógica tem. E que, como ressalta Freire (2010), não é neutra, ‘indiferente’ a qualquer hipótese, que a educação é uma forma de intervenção no mundo, que mesmo quando trabalha com os conteúdos bem ou mal ensinados e ou aprendidos, implica diretamente tanto na reprodução da ideologia dominante como no seu desmascaramento. Ao observar as falas, vemos que um dos objetivos relatados era o de construir o projeto junto com a comunidade, mas não que isso se referisse a todo aporte teórico que a escolha traz em si. Como nesta citação de Gadotti (2006, p. 96) ao dizer que o educador socialista

É um organizador que rompe com a formação idealista (anti-histórica), com a formação formal (anti-dialética) e com a formação acadêmica (apolítica) dele e do próprio aluno. Esse rompimento só é possível com o trabalho, com a práxis (coletiva e histórica), com a tomada de posição, sempre renovada de ambos os participantes ao processo...

Nas declarações percebemos também que houve muitos conflitos, e que os profissionais – educadores estavam lá não para resolver, mas para mediar, não deixando o grupo desistir nas primeiras dificuldades, não trazendo ao grupo as respostas prontas, os problemas resolvidos. A mediação fez o grupo refletir sobre si e sobre os obstáculos que se

colocavam a sua frente. Foi um intenso exercício emancipatório fundamental para o processo educativo que pessoas estavam passando.

Diferente do episódio de violência vivido pelo grupo, quando teve a sua produção retirada com a presença policial, como mostra a fala de uma das mulheres: “*E chamaram a polícia pra gente... Não precisava isso.*” (Hortênsia), polícia esta que se comporta como o braço repressor do Estado capitalista, que serve para cumprir as leis deste Estado e assim manter burgueses e proletários em seus devidos lugares. O modo de agir do sistema repressor, não é dialógico, e nem poderíamos esperar isso dele, pois a quem serve não interessa o diálogo, não interessa a aproximação. A burguesia tem nas comunidades no máximo a reprodução da força de trabalho, que ao ser explorada, os mantém.

Torna-se impossível nesta altura separar emancipação e autonomia da educação praticada entre os componentes do grupo, e entre o grupo e a comunidade. Por isso, trazemos Mészáros (2008) que diz que a emancipação é uma tarefa da educação que vai além do capital. Nem educação no seu sentido amplo, como já foi tratado, nem emancipação podem ser postas à frente uma da outra. São inseparáveis, pois não há uma transformação social emancipadora sem a contribuição da educação, e esta tarefa cabe a todos nós. A todos porque sabemos que os educadores também têm de ser educados, pois ou os objetivos alcançam o êxito e se sustentam ou fracassarão juntos. A educação socialista se destina a indivíduos sociais, indivíduos que não podem sequer serem imaginados fora de seu contexto social e histórico, já que é desta forma que se formulam os valores que, conseqüentemente, os definirá como indivíduos sociais autônomos. A educação socialista desempenha papel fundamental na necessidade da emancipação humana.

Notamos que a interdisciplinaridade trouxe ao projeto um ‘tempero’ diferente, cada profissional trazia sua vivência e seus conhecimentos técnicos que somados eram levados ao grupo e à comunidade. Esta vinha por sua vez com o conhecimento de como é viver ali e o de como abordar a comunidade. Nascia uma experiência ímpar. Vale ressaltar também que não menos importante foi o entendimento da comunidade, do quanto poderia ganhar com um trabalho multidisciplinar. No decorrer da pesquisa, sentimos que muitos não imaginavam que construiriam um projeto tão notadamente importante. Alguns se referiram à compostagem como aquilo que todo mundo sabe que tem de ser feito, mas que ninguém faz e, portanto, a realização disso seria loucura.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

...Decepar a cana
Recolher a garapa da cana...

Ao final do processo, percebemos que foi produzido pela comunidade e seus colaboradores um novo conceito de promoção de saúde, que não foi escrito dentro de gabinetes ou em reuniões e conferências, mas foi criado na prática comunitária a partir de um problema não totalmente solucionado. Foi realizada uma promoção da saúde dialeticamente coerente com sua prática e teoria, diferente do que Stotz (2004) declara sobre a OMS afirmando que ela mantém de forma aparentemente inadvertida dois planos discursivo: um ideário conceitual, quando estabelece saúde como o estado de completo bem estar e um pragmatismo operacional que são traduzíveis em indicadores quantitativos. Levando em conta essa distância entre teoria e prática utilizada pela OMS, decidimos considerar como saúde e promoção da saúde o valioso conceito produzido pela comunidade e seus colaboradores, que realizaram um conceito aplicado à prática e plausível de ser conseguido, onde fizeram da promoção da saúde um processo não restrito à área da saúde, mas conseguiram formalizar finalmente como um método político de se fazer saúde.

Saímos com a certeza de que nosso SUS é possível, que a luta em seu favor é necessária, e o engajamento da sociedade na efetuação de sua filosofia é fundamental para que ele se sustente e se supere, sabemos também que para que se concretize, outra forma de se organizar e de se realizar a sociedade se faz urgente.

Assim quando caminhamos mais uma vez por esta estrada, ficamos obrigados novamente a citar grandes pensadores mundiais de esquerda, pois para fazer a Promoção da Saúde, acreditamos que só exista uma forma, que é dita por Gruppi (1980, p. 63) quanto este cita Marx e Lênin “É necessário quebrar o Estado Burguês e instalar um Estado Proletário que não tenha mais as características tradicionais, devendo cobrir o período de transição até a extinção do Estado.”

Por isso frisamos que não podemos esperar nada de novo, no sentido de conquistas e melhorias para a grande massa, enquanto estivermos vivendo sob o Estado capitalista. Para dar início a esta transformação é preciso que haja no proletariado uma consciência dele enquanto classe, segundo nos informa Gruppi (1980, p. 81)

Assim que o proletariado toma consciência do seu antagonismo com o sistema capitalista, ele não só desencadeia lutas sindicais imediatas, mas também elabora uma linha política e uma concepção do mundo: o marxismo, o ideal socialista, uma nova moral que se contrapõe aos valores e à moral da sociedade dominante. Através de um processo enormemente penoso, através de uma pequena vanguarda, paulatinamente o proletariado busca arrancar da hegemonia ideológica e política da classe dominante uma parte sempre maior da classe operária e de seus aliados (camponeses, camadas médias). Trata de conquistar os intelectuais.

Mas contemporaneamente o que se percebe é o que nos traz Marcuse, citado por Peixoto, quando este faz a leitura da sociedade quando esta toma o modelo de capitalismo tardio rumando para o que ele chama de sociedade unidimensional, uma sociedade que controla e integra todas as dimensões da existência privada e pública, que assimila força e interesse antes opostos, que administra metodicamente os instintos humanos, uma sociedade na qual toda força de negação está reprimida e se converte, por sua vez, em fator de coesão e afirmação. Este processo de integração, tão característico desta sociedade, se desenvolve, sem um terror aberto: a democracia consolida a dominação mais firmemente do que o absolutismo. A liberdade administrada e a repressão dos instintos se transformam em instrumentos fundamentais para o aumento incessante da produtividade.

Desta forma é assim, cotidianamente, que a unidimensionalidade acontece. Netto, citado por Evangelista (1997), complementa que esta cotidianidade aparece para os homens como uma realidade caótica e sem sentido, feita e vivenciada como um aglomerado inorgânico de coisas, dados e fatos sociais. É esta faticidade, pela qual o ser social se revela na cotidianidade, que é o traço pertinente do capitalismo contemporâneo ou tardio. Esta vida cotidiana é marcada pela opacidade que é a marca das relações sociais, sob a forma imediata dos fatos rotineiros. A sociedade burguesa dissolve as suas estruturas na reprodução imperceptível do cotidiano, desta forma desaparece a visibilidade do poder opressivo, que está em todos os lugares e em lugar nenhum.

É importante fazer notar que enquanto as condições materiais não estão apresentadas, nos cabe realizar diariamente o exercício da resistência em todas as esferas possíveis. Uma dessas tentativas de

resistência aconteceu na 8ª Conferência Nacional de Saúde onde além de ser concretizado o conceito ampliado de saúde, foram colhidos ainda mais frutos quando a força, exercida pelos grupos formados para esta conferência, fez culminar na criação do SUS durante a Assembleia Constituinte de 1988. É preciso entender que, apesar do direito à saúde não estar consolidado nos dias de hoje, é do conceito ampliado de saúde e das bases filosóficas do SUS, que sai o embasamento para praticarmos todas as políticas públicas de saúde, inclusive a Promoção da Saúde.

Já nesta altura da dissertação é impossível separar educação de saúde, pois para nós é imprescindível que para realizar uma Promoção da Saúde, realmente comprometida com a comunidade é fundamental que se faça uso de uma pedagogia dialógica. E, como não podemos afirmar, mas podemos levantar como hipótese que as dificuldades em atingir bons objetivos dentro dos grupos terapêuticos vinculados ao SUS, aconteçam em primeiro lugar pelo modelo formador do nível superior de ensino brasileiro, como também, pela formação capitalista de nossa sociedade, agregando a isso tudo o que já foi discutido no decorrer deste trabalho.

O profissional formado por esse sistema de ensino pensa ser suficiente o simples repasse de informação para mudar o comportamento dos usuários do sistema. Claro que é muito fácil utilizar a educação bancária para passar adiante nosso conhecimento, já que desta forma, tomamos um distanciamento da comunidade e dos indivíduos colocando o fracasso dos tratamentos nas mãos dos usuários.

Agora, a Educação em Saúde Dialógica exige muito mais do profissional. Exige envolvimento com a comunidade, e ainda mais, exige também uma relação horizontal, onde os profissionais têm juntamente com a comunidade ou com o indivíduo a corresponsabilidade de traçar planos que no mínimo melhorem de alguma forma as condições de vida dessa população. Para adotar esse modo de educação, precisamos ter uma formação diferente, que em primeiro lugar, nos coloque como participantes ativos do mundo, não como intelectuais que ficam flutuando sobre a grande massa, é preciso primeiro entender como este modo de organizar a sociedade atinge a todos nós. Chegará uma hora em que a própria comunidade nos exigirá uma postura como profissionais e como cidadãos que dificilmente conseguiremos ter se não mudarmos a lógica da educação. Mészáros (2008, p. 23) salienta a importância estratégica da concepção mais ampla de educação, quando expressa que: “a aprendizagem é a nossa própria vida”. Portanto, necessitamos de atividades de contrainternalização, que sejam coerentes e sustentadas, e não se

esgotem na simples negação, mas que se apresentem como uma alternativa abrangente ao que já existe. Isso se torna essencial no rompimento com a lógica do capital na área da educação. Continuando, o autor afirma que a educação socialista indica uma transformação social de longo alcance, que seja racionalmente concebida e recomendada, articulada com as tarefas escolhidas pelos indivíduos e de sua determinação consciente em realizá-las. Desta forma, este projeto só será vitorioso quando se apresentar como alternativa hegemônica ao capital.

Nesta nova ordem é realmente muito importante como nos revela Gramsci, citado por Semeraro (2006), que sejamos intelectuais orgânicos, ou seja, participantes ativos do mundo em que vivemos. Sendo parceiros da comunidade, não podemos continuar vendo-a assistida por nós, como uma realidade que não nos pertence. Portanto a Promoção da Saúde transformadora da realidade pede também um profissional crítico em relação ao mundo em que vive, além, é claro, de ter uma boa técnica, mas acima de tudo que este profissional veja o outro como cidadão e que por isso há uma série de direitos a serem respeitados.

Quando observamos as atividades realizadas pelo grupo, percebemos que a promoção da saúde realizada por eles, foi uma promoção que obteve grandes resultados e que realmente transformou esta comunidade. Obviamente houve mudanças de comportamento, já que era uma necessidade da comunidade que ela conseguisse gerir seu lixo impedindo assim a proliferação de doenças advindas de vetores. Mas essa promoção foi muito maior, transformou uma comunidade que era conhecida por sua violência, uma comunidade a grande maioria das pessoas tinha medo de visitar, transformando-a em um ponto recorrente de visitação. A promoção da saúde, realizada juntamente com profissionais e comunidade, trouxe melhorias na autoestima, na cultura, na saúde, na educação, na formação crítica dos moradores, nos sonhos comunitários e individuais e na articulação política entre as instituições e os moradores, na certeza de que eles são capazes de produzir algo importante para a sociedade.

A Revolução dos Baldinhos torna-se agora um exemplo de trabalho não-alienado, que auxiliou na formação crítica, que transformou consciências e podemos sentir ao conversar com os integrantes dos grupos que esta revolução aconteceu lá, por seu sentido de cumplicidade entre os moradores de confiança. Durante as entrevistas e posteriormente em sua análise tivemos o prazer de observar a clareza que os participantes têm de que todo o desenvolvimento do grupo, e que

até mesmo uma revolução, fazem parte de um processo. Processo que não se sabe ao certo quando e como começa nem se termina. Seguindo o pensamento de Freire (2005) os indivíduos se geraram como ser, dentro da Revolução dos Baldinhos, quando a maneira de viver anterior foi superada. Agora este novo ser gerado dentro da revolução está pronto para criar um novo meio material. Esperamos sinceramente que este ciclo se mantenha em evolução.

Durante a revolução, os participantes passaram também, não havia como evitar, por um processo emancipatório, evento que para Freire (2008) foi construído dentro de todas as experiências vivenciadas, processo que ocorreu também com o auxílio dos benefícios, premiações e reconhecimento dentro e fora da comunidade. Cabe aqui ressaltar mais uma vez, que esta política de premiação está a serviço do capitalismo como modo de reforçar os comportamentos e assim sendo, é necessário mantermos um nível de consciência crítica para não cairmos nessas armadilhas.

Um fato importante que nos chamou muito a atenção, por criar forte contradição dentro do grupo, foi o papel do poder público, ser vital para a continuidade ou não da Revolução dos Baldinhos como ela tem se mostrado até agora. Temos que lembrar novamente que o papel do Estado no modo de organização capitalista não é o de oferecer melhorias de vida à população carente. Este Estado existe apenas para manter a burguesia já que é a burguesia que o gerencia, é preciso, portanto, muita coragem e persistência por parte da Revolução para que sejam pioneiros em fundar um modo diferente de coordenar um grupo e como já citamos, esta Revolução deve ser um meio de libertação e consequente conscientização da comunidade. Achamos necessário e desafiador que a revolução tenha outra perspectiva, e não apenas reproduza o modo como o Estado realiza suas ações. Não temos dúvida de que será preciso muito estudo, muitas conversas e muitas reflexões até chegarem à prática, mas não duvidamos também da capacidade deste grupo em conseguir seus objetivos.

Para alcançarem os objetivos almejados, o grupo irá precisar de aliados, que estejam na mesma sintonia com a Revolução, sejam eles intelectuais orgânicos que tenham uma consciência de que sua função no mundo é a de ajudar a transformar realidades ou pessoas da comunidade que por morarem lá, conhecem como ninguém suas necessidades e as prioridades a serem atendidas. Estes dois tipos de aliados serão importantes para que o grupo atravesse o seu caminho, sem um anular o outro. E para que essa transformação continue ocorrendo a educação se apresenta como base fundamental, mas não qualquer tipo de educação,

mas sim a dialógica, formal ou curricular ou aquela que segundo José Martí: “*La educación empieza com la vida, y non acaba sino com la muerte*”, citado por Mészáros (2008, p.23) nos faz refletir que esta é a educação que fará deles indivíduos críticos de seu mundo e transformadores de sua realidade.

Para finalizarmos gostaríamos de considerar que a Promoção da Saúde é algo que vai além de políticas públicas ligadas somente à área da saúde. Para se realizar Promoção da Saúde é preciso que todos os setores da sociedade estejam ligados em prol do mesmo objetivo. Por isso pensamos que Promoção da Saúde se faz a partir da comunidade organizada, e tendo a própria comunidade liderando o processo, e o Estado estaria a seu serviço, pois como aprendemos com a Revolução dos Baldinhos, para promover saúde é preciso produzir uma revolução.

REFERÊNCIAS

...Roubar da cana a doçura do mel,
Se lambuzar de mel...

BORDENAVE, J. D. Ação educativa em saúde: uma abordagem conceitual. In: Encontro de Experiências de Educação e Saúde da Região Norte Belém, 1982, Brasília. **Anais do Encontro de Experiência de Educação e Saúde da Região Norte Belém**. Brasília: Ministério da Saúde, 1982. p. 12-16.

BRASIL. Ministério Público. Disponível em:
http://www.mp.ba.gov.br/atuacao/cidadania/gesau/legislacao/internacionais/carta_caribe.pdf. Acesso em: 19 abr 2011.

_____. Ministério da Saúde. **Seminário Nacional do Multiplica SUS. 2006**. Disponível em:
http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/O_SUS_nos_municipios.pdf. Acesso em: 30 maio 2009.

_____. Ministério da Saúde. Portaria N° 1.886, de 18 de dezembro de 1997. **Normas e Diretrizes do Programa de Agentes Comunitários de Saúde e do Programa de Saúde da Família**. Disponível em:<
http://dtr2004.saude.gov.br/dab/legis/acao/portaria1886_18_12_97.pdf>
Acesso em: 18 abr. 2009.

_____. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Disponível em:
<http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/area.cfm?id_area=1484> Acesso em: 28 out. 2012.

_____. **Carta do Caribe**. Disponível em:<http://www.mp.ba.gov.br/atuacao/cidadania/gesau/legislacao/internacionais/carta_caribe.pdf> Acesso em: 02 de maio de 2009.

BUSS, P. M. Promoção da saúde qualidade de vida. **Ciênc. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v.5, n.1. 2000 (a).

_____, P. M. Enfoques prioritários em salud pública. IN: OPAS. **Desafíos para la Educación em Salud Pública**. Washington, D.C., 2000(b). p. 7-31.

CAPONI, S. A saúde como abertura ao risco. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C.M. **Promoção da Saúde: conceitos e reflexões**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003, p. 55-77.

CARDOSO, C. L.; TAHAN-SANTOS, E. Experiências de participantes em um grupo de promoção de saúde na estratégia saúde da família. **Psico**. Porto Alegre, v.39, n.4, p. 410-417, out-dez 2008.

CARVALHO, S. R. As contradições da promoção à saúde em relação à produção de sujeitos e a mudança social. **Ciênc. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v.9, n.3, p.669-678, 2004.

_____; GASTALDO, D. Promoção à saúde e empoderamento: uma reflexão a partir das perspectivas crítico-social pós-estruturalista. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.13 sup 2:2 – 29:2040, 2008.

CASTIEL, L.D.; GUILAM, M.C.R.; FERREIRA, M.S. **Correndo Risco**: uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

CUTOLO, L. R. A. **Estilo de Pensamento em Educação Médica**: Um Estudo do Currículo do Curso de Graduação em Medicina da UFSC. Florianópolis, 2001. Tese (doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

DA ROS, M. A. Políticas públicas de saúde no Brasil. IN: Bagrichevski, M. **Debate na Educação Física**. Blumenau, 2004. P. 45-66.

DINIZ, D.; GUILHEM, D. **O Que É Bioética**. São Paulo: brasiliense, 2005.

ESCOREL, S. **Reviravolta na Saúde**: origem e articulação do movimento sanitário. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998.

EVANGELISTA, J. E. **Crise do Marxismo e Irracionalismo Pós-Moderno**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FERNANDEZ, J.C.A.; WESTPSHAL, M.F. O lugar dos sujeitos e a questão da hipossuficiência na promoção da saúde. **Interface comunicação, saúde e educação**, v.16, n.42, p.595-608, jul./set. 2012.

FREIRE, P. Não há docência sem discência. In: FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2005. p. 21-45.

_____, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

_____, P. **Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GADOTTI, M. **Concepção Dialética da Educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

GRUPPI, L. **Tudo começou com Maquiavel: As concepções de Estado em Marx, Lênin e Gramsci.** Porto Alegre: L&PM Editores LTDA. 1980.

HAMMERSCHMIDT, Karina. S. A. *et al.* Tecnologia educacional inovadora para o empoderamento junto a idosos com diabete mellitus. **Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 358-65, Abr-Jun, 2010.

IANNI, O. (Org.). **Florestan Fernandes:** sociologia crítica e militante. 2ªed: São Paulo: Expressão Popular.

IASI, M. L. **Ensaio sobre consciência e emancipação.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

INSTITUTO FEDERAL DE TECNOLOGIA DE LAUSANNE. *The network of global corporate control.* Stefania Vitali, James B. Glattfelder, Stefano Battistonar acesso em: 19 Sep 2011.
<<http://arxiv.org/abs/1107.5728>>

KLEBA, Maria. E. *et al.* Empoderamento: Processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde Sociedade.** São Paulo, v.18, n.4, p. 733-743, 2009.

LEAVELL, H. R.; CLARK, E.G. Níveis de aplicação da medicina preventiva. In: Medicina Preventiva. São Paulo: Mcgraw-hill do Brasil, 1976.

LEFEBVRE, H. **Marxismo.** Trad. William Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2009.

MARANHÃO, C. H. Desenvolvimento social como liberdade de mercado: Amartya Sen e a renovação das promessas liberais. In MOTA, A. E. (org.) **As ideologias da contrarreforma e o Serviço Social.** Recife: EDUFPE, 2010.

MARCUSE, H. **A Ideologia da Sociedade Comunista Industrial:** o homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARX, K. ENGELS, F. **Manifesto Comunista.** Trad. Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 1998.

_____. Feuerbach e Histórias: Rascunhos e anotações. In: MARX, K. ENGELS, F. **Ideologia Alemã.** Trad. Rubens Enderle; Nélio Schneider; Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo. 2007. p. 29-78.

MÉSZÁROS, I. **A Educação Para Além do Capital**. Trad. Isa Tavares. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MORETTI-PIRES, R.O.; CAMPOS, D.A. Equipe Multiprofissional em Saúde da Família: do Documental ao Empírico no Interior da Amazônia. **Revista Brasileira de Educação Médica**. 34 (3): 379-389; 2010.

NADANOVSKY, P.; LUIZ, R. R.; COSTA, A. J. L. Causalidade em Saúde In: MEDRONHO, R. A.; et al; **Epidemiologia**. São Paulo: Atheneu, 2009. p. 153 – 169.

NETO, O. L. de M.; CASTRO, A. M. Promoção de saúde na atenção básica. **Rev Brasileira Saúde da Família**.

NETTO, J.P. Emancipação política e emancipação humana. In: **O Leitor de Marx**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2012 p. 7 – 71.

NUNES, E. D. Introdução. In: As Ciências Sociais em Saúde na América Latina Tendências e Perspectivas. Org. Everardo Duarte Nunes. Brasília: OPAS, 1985, p. 31-33.

OLABUÉNAGA, J. I. R.; ISPIOZA, M^a. A. **La Descodificacion de la Vida Cotidiana**: métodos de investigación cualitativa. Bilbao: Universidade de Deusto, 1989.

OMS. **Declaração de Alma-Ata 1978**. Disponível em: [HTTP://who.int/publications/almaata_declaration.en.pdf](http://who.int/publications/almaata_declaration.en.pdf) Acesso em: 02 maio 2009.

_____. **Declaração de Jacarta 1997**. Disponível em: http://www.int/hpr/NHP/docs/jakarta_declaration_portuguese.pdf Acesso em: 02 maio 2009.

OPAS. **Carta de Ottawa 1986**. Disponível em: <http://opas.org.br/promocao/uploadArq/Ottawa.pdf> Acesso em: 02 maio 2009.

_____. **Carta de Adelaide 1988**. Disponível em: <http://www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Adelaide.pdf> Acesso em: 02 maio 2009.

_____. **Declaração de Sundsvall 1991**. Disponível em: <http://www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Sundsvall.pdf> Acesso em: 02 maio 2009.

_____. **Declaração de Santafé de Bogotá 1992**. Disponível em: <http://www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Santafe.pdf> Acesso em: 02 maio 2009.

_____. **Rede de Mega Países 1998**. Disponível em: <http://www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Mgpaises.pdf> Acesso em: 02 maio 2009.

_____. **Declaração do México 2000**. Disponível em: <http://www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Mexico.pdf>. Acesso em: 02 maio 2009.

OPUS COMPACT DICTIONARY. 4^a ed. São Paulo: Opus, 1986.

ORNELLAS, Cleusa Panissete. **Educação em saúde: prática sanitária ou instrumento de ação ideológica**. Dissertação (Mestrado) - Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz, Rio de Janeiro. 1981.

PEIXOTO, Luiz. A. DA S. Marcuse: cultura, ideologia e emancipação no capitalismo tardio. **Estudos e pesquisas psicologia**, Rio de Janeiro, v. 11, n.01, p. 156-180, 2011.

ROSEN, G. O que é medicina social? Uma análise genética do conceito. In: ROSEN, G. **Da Polícia Médica à Medicina Social**. Tradução de Ângela Loureiro de Souza. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

SADER, E. Prefácio. In: MESZÁROS, I. **A Educação Para Além do Capital**. Trad. Isa Tavares. 2^a ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____, E. Apresentação. In: MARX, K; ENGELS, F. **Ideologia Alemã**. Trad. Rubens Enderle; Nélio Schneider; Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo. 2007. p. 9-15.

SANTOS, L. M. Et al. Grupos de promoção à saúde no desenvolvimento da autonomia, condições de vida e saúde. **Rev de Saúde Pública**. São Paulo. v.40, n2, p346-353. 2006.

SEMERARO, G. Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade. Campinas, **Cad. Cedes**, vol. 26, n. 70, p. 373-391, set./dez. 2006.

SEN, A. **Desenvolvimento com liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

STOZ, E. N.; ARAUJO, J.W.G. Promoção da Saúde e Cultura Política: a reconstrução do consenso. **Saúde e Sociedade**. v.13, n.2, p5-19, maio-agosto 2004.

ANEXO

...Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra...
(Cio da Terra – Milton Nascimento)

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO
(TCLE)**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE SAÚDE PÚBLICA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -
TCLE**

O Sr(a) está sendo convidado a participar da pesquisa **“A PREVENÇÃO COMO PRINCÍPIO, A PROMOÇÃO COMO MEIO E A REVOLUÇÃO COMO FIM: Uma história sobre a Revolução dos Baldinhos”**. Sua colaboração neste estudo é **MUITO IMPORTANTE**, mas a decisão de participar é **VOLUNTÁRIA**, o que significa que o (a) Senhor (a) terá o direito de decidir se quer ou não participar, bem como de desistir de fazê-lo a qualquer momento.

Esta pesquisa tem como objetivo o de investigar as percepções dos componentes e dos profissionais de saúde e/ou coordenadores dos grupos em relação a percepção de alguns conceitos de saúde, aos processos pedagógicos, à determinação social da doença, à história de formação dos grupos.

Garantimos que será mantida a **CONFIDENCIALIDADE** das informações e o **ANONIMATO**. Ou seja, o seu nome não será mencionado em qualquer hipótese ou circunstância, mesmo em publicações científicas. **NÃO HÁ RISCOS** quanto à sua participação e o **BENEFÍCIO** será conhecer como a promoção e a prevenção modificam a realidade da sua comunidade e de que forma os profissionais são decisivos para que isto ocorra.

Serão realizadas entrevistas individuais e talvez atividades em grupo (grupos focais), a fim de conhecer as opiniões dos participantes do estudo. Para isso será necessário aproximadamente uma hora.

Em caso de dúvida o (a) senhor (a) poderá entrar em contato com o Professor Marco Aurélio Da Ros, no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFSC, no Departamento de Saúde Pública, Campus Universitário, Trindade, ou pelo telefone (48) 3721 9388, ou ainda através do e-mail ros@ccs.ufsc.br

Eu....., declaro estar esclarecido(a) sobre os termos apresentados e consinto por minha livre e espontânea vontade em participar desta pesquisa e assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

Florianópolis, ____ de _____ de 2012.

(Assinatura do participante)